



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS DE BACABAL - CCLB
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS

ISAMARA CRISTHINA DE ALCÂNTARA DA SILVA

OS ESTEREÓTIPOS DE BRUXAS: um estudo na construção da imagem negativa
na literatura infantil.

ISAMARA CRISTHINA DE ALCÂNTARA DA SILVA

OS ESTEREÓTIPOS DE BRUXAS: um estudo na construção da imagem negativa na literatura infantil.

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Português, do Centro de Ciências de Bacabal – CCBA, Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cristhina de Alcântara da Silva, Isamara.

OS ESTEREÓTIPOS DE BRUXAS: um estudo na construção da
imagem negativa na literatura infantil / Isamara Cristhina
de Alcântara da Silva. - 2026.

55 p.

Orientador(a): Rubenil da Silva Oliveira.

Curso de Letras - Português, Universidade Federal do
Maranhão, Bacabal, 2026.

1. Bruxas. 2. Literatura Infantil. 3. Arquétipo. 4.
Contos Infantis. I. da Silva Oliveira, Rubenil. II.
Título.

ISAMARA CRISTHINA DE ALCÂNTARA DA SILVA

OS ESTEREÓTIPOS DE BRUXAS: um estudo na construção da imagem negativa na literatura infantil.

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras – Português, do Centro de Ciências de Bacabal – CCBA, Universidade Federal do Maranhão (UFMA) como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Letras – Português.

Aprovado em 16 /07 /2026

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira (UFMA)
ORIENTADOR

Prof.^a Dr.^a Renata Cristina da Cunha (UESPI)
1^a EXAMINADORA

Prof.^a Me. Maria Cleidimar da Silva Ribeiro (SEDUC-MA)
2^a EXAMINADORA

Aos meus avós Pedro de Alcântara e Lindalva Mesquita (in memoriam), que sempre me ensinaram sobre o amor, carinho e que são meus exemplos até os dias de hoje. Essa realização também é de vocês.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero externar o sentimento de gratidão ao meu Senhor pela graciosidade dos cuidados comigo, ele quem dita os meus dias e me dar forças para prosseguir, sinto seu cuidado constante, sei que nada seria possível se não fosse a sua misericórdia.

Agradeço em especial à minha família, meu pai, mãe e irmã, por serem pilar e me sustentarem durante todos esses dias que longe de casa eu passei, sei que algumas dificuldades apareceram ao longo desse caminho, mas aqui estou eu, vocês foram fonte de inspiração para a minha permanência acadêmica.

Às minhas tias Amparo, Gerusa, Maria de Jesus, Domingas e Clotilde, por serem formadoras de conhecimentos, ambas professoras, que me inspiram a ser uma profissional dedicada, vocês foram importantes nesse processo e sempre serão meus grandes exemplos.

Ao meu afilhado Pedro, você quem me transforma todos os dias em uma pessoa melhor, minha vida tem sentido pela sua existência, que nossa senhora te encha de sabedoria para sempre.

Gratidão às minhas primas, Cecília, Rayssa, Poliana, Elena, Laura e Tarsila, vocês são incríveis, rogo à Deus pela lealdade e união que juntas, nós temos. Foi muito importante tê-las ao meu lado, obrigada por todo cuidado.

Agradeço aos cuidados de minha avó Maria de Jesus, sei que toda sua preocupação e seu carinho foram indispensáveis para me darem o sucesso que tenho hoje, obrigada por cada mensagem, cada palavra de conforto.

Meus amigos, Kauã, Juliana, Larissa, Jemima, Valquíria e Wilyanne, não sei o que seria de mim sem todos vocês, talvez não seria nada, a nossa caminhada foi leve por que dividimos o mesmo peso, os mesmos sonhos e construímos juntos o mesmo propósito.

Agradeço a oportunidade dada pelo Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira, pela paciência, orientação e dedicação ao longo desse percurso. Você foi essencial para realização deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo instigar como ocorreu a formação e a consolidação do estereótipo da personagem bruxa nos contos infantis, fazendo um estudo sobre como essa figura tornou-se um arquétipo feminino negativo, ocorridos a partir dos acontecimentos históricos, simbólicos e religiosos. Partindo para uma inquirição de como essa construção desse modelo de figura feminina influenciou a permanência nas narrativas infantis, assim o objetivo geral é investigar a construção da figura da bruxa conforme seus aspectos físicos conforme a dualidade do bem e mal, e logo os objetivos específicos que são identificar sua particularidades, seu papel entre bondade e maldade nos contos infantis e analisar como os estereótipos influenciam a maneira como os elementos visuais estão ligados ao corpo feminino. A pesquisa conta com uma abordagem qualitativa e natureza bibliográfica, sendo apoiada por autores como Federici (2019;2023), Delumeau (2009), Jung(2000;2012), Russell e Alexander (2008), Coelho (200;2012) Neumanann (1999) , Bettelheim (2002) e Jacoby (2009), entre outros autores. A pesquisa conclui-se que essa representação da bruxa não surgiu de forma espontânea, mas que foi um resultado dos processos históricos como caça às bruxas que ocorreu entre os séculos XVI e XVIII, sendo um dos processos de inquisição sustentado pelo documento *Malleus Maleficarum*, que um catalogo responsável por denunciar às mulheres que tinham conhecimentos naturais em questão as curandeiras e parteiras, com isso surge a associação física e também morais, como velhice, feiura e também a mulher isolada da sociedade. Assim, a literatura infantil reorganizou esse padrão e exerceu essa função simbólica da figura da bruxa em narrativas infantis, demonstrando a dualidade entre bem e mal, ajudando para a elaboração emocional da criança sobre o medo. Por fim, conclui-se que a imagem feminina está ligada ao negativo por sofrer esses processos patriarcais que inverteram os saberes naturais em ameaça para a sociedade. Contudo, existe na contemporaneidade uma ressignificação sobre este modelo feminino que aponta novas formas de pesquisas pra essa representação da bruxa na literatura infantil.

PALAVRAS-CHAVES: Bruxa; Literatura infantil; Arquétipo; Contos infantis.

ABSTRACT

This research aimed to investigate how the formation and consolidation of the stereotype of the witch character in children's tales occurred, making a study on how this figure became a negative female archetype, which occurred from historical, symbolic and religious events. Leaving for an inquiry about how this construction of this female figure model influenced the permanence in children's narratives, so the general objective is to investigate the construction of the witch's figure according to its physical aspects according to the duality of good and evil, and then the specific objectives that are to identify her particularities, her role between goodness and evil in children's tales and analyze how stereotypes influence the way visual elements are linked to the female body. The research has a qualitative approach and bibliographic nature, being supported by authors such as Federici (2019;2023), Delumeau (2009), Jung (2000;2012), Russell and Alexander (2008), Coelho (200;2012) Neumanann (1999), Bettelheim (2002) and Jacoby (2009), among other authors. The research concludes that this representation of the witch did not arise spontaneously, but that it was a result of historical processes such as witch hunting that occurred between the sixteenth and eighteenth centuries, being one of the processes of inquisition supported by the document *Malleus Maleficarum*, which a catalog responsible for denouncing to women who had natural knowledge in question the healers and midwives, with this arises the physical and also moral association, such as old age, ugliness and also the woman isolated from society. Thus, children's literature reorganized this pattern and exercised this symbolic function of the figure of the witch in children's narratives, demonstrating the duality between good and evil, helping for the emotional elaboration of the child about fear. Finally, it is concluded that the female image is linked to the negative by suffering these patriarchal processes that have inverted natural knowledge in threat to society. However, there is in contemporary times a resignification about this female model that points to new forms of research for this representation of the witch in children's literature.

Keywords: Witch; Children's literature; Archetype; Children's tales.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA BRUXA SOB O OLHAR DA HISTÓRIA E DA CULTURA	12
2.1 O surgimento da caça às bruxas	16
2.2 A bruxa e suas representações na cultura tradicional popular	22
3 ARQUÉTIPOS FEMININOS E A IMAGEM DA BRUXA NOS CONTOS INFANTIS	27
3.1 Arquétipos femininos: entre definições e significados.....	29
3.2 A bruxa: um arquétipo feminino negativo	34
3.3 A bruxa e o medo: interpretações na visão do leitor infantil	37
3.4 A imagem negativa das bruxas entre o conto clássico e a releitura contemporânea.....	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Nas narrativas infantis, a figura da bruxa ocupa lugar central na produção de imagens sobre o feminino, sobretudo quando associada à feiura, à maldade e ao medo. Entre essas representações, a Bruxa Onilda oferece um ponto de partida relevante para esta pesquisa, pois, embora preserve traços reconhecíveis do imaginário tradicional — como a magia, o aspecto excêntrico e a posição de personagem extraordinária —, também permite observar deslocamentos importantes na forma como a bruxa é apresentada às crianças. Em contraste com as figuras mais sombrias dos contos clássicos, Onilda transita entre o humor, a aventura e a fantasia, o que evidencia que o estereótipo da bruxa não é fixo, mas historicamente construído e passível de ressignificação nas diferentes narrativas infantis.

Sua construção não ocorreu de forma espontânea; ao contrário, resultou de um longo processo histórico, social e religioso que, por meio de diferentes discursos, associou determinadas mulheres ao perigo, ao mal e à desobediência. Nessa perspectiva, Delumeau (2009) enfatiza que a imagem da bruxa foi moldada por valores culturais que, ao vincularem o feminino ao medo, transformaram a mulher em alvo de controle social, sobretudo quando escapava aos padrões impostos pela sociedade patriarcal.

A origem desse imaginário relaciona-se ao contexto da caça às bruxas, ocorrida entre os séculos XV e XVII. Contudo, a permanência dessa ideia não se restringiu aos poderes religiosos e jurídicos da época. Ao longo do tempo, descrições físicas e juízos morais sobre as mulheres acusadas de feitiçaria foram incorporados às narrativas orais, às lendas e, posteriormente, aos contos infantis. Nesse processo, a literatura infantil consolidou um modelo de bruxa marcado pela velhice, pela feiura, pela deformidade e pela maldade, contribuindo para a construção de uma imagem negativa do feminino. Conforme Castro (2021), há nesse percurso uma demonização que faz emergir a aparência de uma mulher velha, feia, vestida de andrajos e quase sempre acompanhada por um animal preto.

Desse modo, compreender como essa imagem se constitui e se transforma nos contos infantis permite reconhecer que tais narrativas não surgem em um campo neutro; elas são produzidas a partir de valores, crenças e modelos de comportamento socialmente legitimados. Além disso, os contos infantis participam da formação simbólica e emocional da criança, influenciando a maneira como as novas gerações percebem as representações de gênero.

Nesse contexto, o presente trabalho propõe investigar de que modo a formação desse estereótipo feminino passou a representar a maldade e como os contos infantis contribuíram para a consolidação dessa identidade simbólica, associando a bruxa ao medo e à feiura. A pesquisa parte do seguinte questionamento: de que forma a construção do estereótipo da bruxa influenciou sua consolidação como arquétipo feminino negativo nos contos infantis? A partir dessa problemática, busca-se analisar essa construção e seus efeitos no imaginário infantil, considerando que, em muitas narrativas, essa personagem é apresentada como um ser vinculado à falsidade e à maldade.

Diante desses aspectos, este trabalho tem como objetivo geral analisar como a construção da figura da bruxa nos contos infantis contribuiu para sua consolidação como representação feminina negativa, baseada em atributos físicos e morais que opõem o bem ao mal. Como objetivos específicos, pretende-se identificar a caracterização das bruxas, investigando sua aparência e seus traços recorrentes; examinar o papel simbólico desempenhado por essa personagem nas narrativas; comparar a representação da bruxa em Branca de Neve, João e Maria e na série da Bruxa Onilda, identificando permanências e deslocamentos do estereótipo entre os contos clássicos e a narrativa contemporânea.

A pesquisa teve origem ainda no início da graduação, quando tive contato com a literatura infantil e, a partir desse encontro, surgiu o interesse em compreender os processos que constituíram a figura da bruxa, personagem de grande relevância nas narrativas destinadas ao público infantil. Diante disso, a pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender a representação da figura da bruxa nos contos infantis e de contribuir para novas interpretações acerca da dualidade presente na caracterização dessas personagens, considerando as relações entre literatura, gênero e sociedade. Além disso, o estudo busca somar-se a outros trabalhos que problematizam as representações do feminino e seus efeitos no imaginário social.

O estudo apoia-se em um aporte teórico construído a partir de distintos campos do conhecimento. No que se refere à construção histórica e cultural da bruxa, recorrem-se às contribuições de Delumeau (2009), Federici (2019; 2023), Russell e Alexander (2008) e Myara (2024). Para a discussão das dimensões simbólicas e dos arquétipos, mobilizam-se as reflexões de Jung (2000; 2012) e Neumann (1999). Já a análise da figura da bruxa na literatura infantil fundamenta-se em Coelho (2000; 2012), Warner (1999), Bettelheim (2002), Jacoby (2009), entre outros autores que discutem as representações do feminino e sua presença nos contos de fadas.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e analítico-interpretativa, voltada ao estudo da representação da bruxa em narrativas infantis e das construções simbólicas que sustentam essa personagem em diferentes contextos históricos e culturais. Para tanto, examina-se a trajetória da figura da bruxa desde a caça às bruxas até sua consolidação nos contos de fadas e em produções voltadas ao público infantil. Nesse percurso, considera-se, por exemplo, a diferença entre a bruxa de Branca de Neve, marcada pela vaidade, pela inveja e pelo controle da beleza feminina, e a Bruxa Onilda, que, em diversos textos em que aparece, é representada de modo mais humorístico, aventureiro e por vezes humanizado, atenuando o medo e deslocando o estereótipo da maldade absoluta para uma construção mais ambivalente da personagem.

O trabalho está organizado em quatro capítulos, contando com a Introdução e as Considerações Finais. No primeiro capítulo, correspondente à Introdução, apresentam-se a temática, a problemática, os objetivos, a justificativa, o referencial teórico e os procedimentos metodológicos da pesquisa. O segundo capítulo aborda a formação histórica e cultural da imagem da bruxa, com destaque para os processos da caça às bruxas e para a inserção dessa figura na cultura tradicional e popular. O terceiro capítulo analisa os arquétipos femininos e a presença da bruxa nas narrativas infantis, evidenciando suas dimensões simbólicas, psicológicas e formativas. Por fim, no quarto capítulo, referente às Considerações Finais, sintetizam-se os resultados da pesquisa e propõe-se uma reflexão sobre a representação das bruxas na literatura infantil.

2 A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO DA BRUXA SOB O OLHAR DA HISTÓRIA E DA CULTURA

A figura da bruxa, tal como é conhecida no imaginário coletivo, resulta de um longo processo de construção histórica e cultural. Assim, além de integrar o conjunto de personagens fictícias, a bruxa teve sua identidade moldada por discursos religiosos e sociais que ganharam força principalmente durante a Idade Média. Esse processo evidenciou formas de imposição sobre a mulher na sociedade, submetida às estruturas de poder sustentadas pelo machismo.

Conforme argumenta Jean Delumeau (2009), a figura da bruxa é uma construção histórica marcada por valores culturais. Ao associá-la ao medo e ao mal, desenvolveu-se um discurso social que contribuiu para a permanência desse estereótipo, frequentemente utilizado como instrumento de controle social contra mulheres que fugiam dos padrões impostos pela sociedade patriarcal.

Com isso, essa imagem da bruxa revela mais sobre o contexto histórico de silenciamento dessas mulheres reais do que sobre qualquer natureza essencialmente maligna.

No âmbito cultural e histórico, diversos fatores atuaram conjuntamente na criação dessa imagem negativa, reforçando preconceitos por meio de discursos religiosos e narrativas populares. Dessa forma, a imagem da bruxa passou a designar aquilo que era visto como diferente e perigoso, sendo constantemente associada à desordem e à ameaça à moral cristã.

Além disso, entre os séculos XIV e XVIII, a figura da bruxa passou a ser associada ao mal no contexto europeu. Nesse período, a feitiçaria deixou de ser vista apenas como superstição e passou a ser tratada como uma ameaça direta às lideranças religiosas. Um dos marcos desse processo foi o *Malleus Maleficarum*, publicado originalmente em 1486 por Heinrich Kramer. A obra funcionou como manual inquisitorial para identificar mulheres consideradas ameaças à Igreja medieval, contribuindo para legitimar a violência praticada contra elas.

No que diz respeito ao tema, a figura da bruxa ficou submetida ao poder dos líderes, sendo representada por meio desse estereótipo do mal. Tal construção contribuiu para demonizar mulheres que possuíam saberes de cura e exerciam práticas de cuidado e auxílio. A associação entre bruxa, velhice, feiura e abandono

surgiu historicamente como forma de marginalizar mulheres que, mesmo detentoras de conhecimentos populares, não eram bem vistas pelas estruturas de poder.

Em outros contextos, é importante lembrar que nem sempre as bruxas foram seres associados ao mal. Em determinados períodos, sua imagem esteve vinculada ao sagrado e ao divino. Ou seja, eram consideradas especiais por possuírem dons capazes de curar, e não de amaldiçoar pessoas, pois acreditava-se que seus poderes eram dados por Deus. Como afirmam Hirasik e Bastazin, “ora as bruxas se confundem com as próprias deidades, ora com as iniciadas adoradoras das deusas e praticantes de magia” (2021, p. 69).

Com o avanço das religiões monoteístas, essas práticas passaram a ser vistas como ameaça para a sociedade e foram cruelmente demonizadas, criando uma divisão entre as imagens femininas divinas e aquelas consideradas perigosas. Isso demonstra que, antes de serem perseguidas, essas mulheres foram admiradas e acolhidas, ocupando lugares de poder e reverência.

A partir do século XX, ocorreram mudanças culturais e o movimento feminista passou a propor novas abordagens sobre a representação da bruxa, atribuindo-lhe novos significados. Nesse contexto, a bruxa passou a ser vista como símbolo de resistência, liberdade e autonomia, deixando de ser compreendida apenas como vilã e sendo reinterpretada como vítima de uma ordem social cristianizada. Porém, ainda que essa personagem tenha passado por transformações, a maldade continua fortemente associada à sua imagem, como expõe Jacoby (2009), ao mostrar que essa representação permanece difundida pela tradição e pelas narrativas transmitidas entre gerações, alimentando o medo e a fantasia.

Ao longo do tempo, as bruxas passaram a figurar na literatura infantil, ganhando espaço em contos nos quais seus papéis foram moldados a partir de crenças históricas e sociais. Tradicionalmente, essa personagem é representada como má, e tal significação permanece impregnada no imaginário das crianças. Conforme Ana Carolyn Franco Américo e Célia Abicalil Belmiro, no artigo denominado *A representação da personagem bruxa nos livros de literatura contemporâneos* (2018), a figura de uma mulher, geralmente velha, distante dos padrões e quase sempre vestida com andrajos, foi utilizada para provocar medo e hostilidade, tanto em crianças quanto em adultos.

No campo dos estudos sobre direitos iguais, é notório que as mulheres historicamente tiveram seus papéis usurpados dentro da sociedade. Houve longos

períodos de dominação masculina, durante os quais elas foram confinadas aos afazeres domésticos e tiveram seus direitos negados. Nesse sentido, torna-se relevante estudar a história de mulheres que ajudaram a construir essa imagem social, ressaltando sua importância para a compreensão da representação feminina. Assim, a autora Julia Myara, em seu livro *Deusas, Bruxas e Feiticeiras* (2024), destaca a resistência existente à imposição de papéis tradicionais às mulheres e o modo como eram tratadas aquelas que desafiavam tais padrões:

(...) podemos perceber as diferentes representações arquetípicas das mulheres ao longo do tempo. Com frequência na forma de deusas, heroínas trágicas, escritoras e poetisas, as narrativas culturais veicularam imagens femininas que dizem mais a respeito sobre como cada sociedade entendeu as mulheres, seus papéis, seus lugares sociais e, algumas vezes, suas formas de resistência. Assim, acompanhar a viagem temporal de uma narrativa mitológica ou sagrada é compreender como cada povo, em cada tempo, se relacionava com as mulheres. (Myara, 2024, p. 35).

O discurso defendido por Myara (2024) possibilita entender que essas formas de representação feminina, inseridas em narrativas literárias e religiosas, funcionam não apenas como entretenimento, mas também como marcas simbólicas das relações de cada época. As figuras apresentadas como deusas e heroínas revelam como expectativas e limitações foram impostas às mulheres. Compreender essa construção significa entender quais comportamentos eram valorizados e quais eram associados à marginalização.

Para a construção dessa imagem, deve-se levar em consideração a relação histórica entre gênero e poder. Ao longo dos séculos, especialmente em sociedades patriarcais, o corpo feminino foi submetido a estratégias de controle e manipulação social. Com isso, os líderes exerciam poder sobre a vida das mulheres, em especial daquelas associadas a saberes mágicos. Essa foi uma forma de aprisionar, controlar, silenciar, punir e excluir mulheres consideradas portadoras de poderes sobrenaturais, limitando sua independência.

As descrições dos aspectos físicos das bruxas foram ganhando forma a partir de seu surgimento em contos e lendas, e a linguagem, assim como os discursos, possui grande relevância na consolidação desse padrão. Existem muitas associações repetidas entre a mulher, o pecado, o mal e a tentação, construindo com aparente naturalidade essa figura negativa. Houve também discursos religiosos, judiciais e literários que contribuíram para a formação de algumas "verdades" socialmente

aceitas sobre as bruxas, baseadas em crenças e medos populares, como afirmado em:

Como nos contos de fadas da Europa oriental, ela parece esperar que cheguem até ali pessoas que se perderam, que estão vagueando ou à procura de algo. Ela é circunspecta, quase sempre cabeluda e invariavelmente gorda, e demonstra especialmente querer evitar a maioria das pessoas. Ela sabe crocitar e cacarejar, apresentando geralmente mais sons animais do que humanos. (Estés, 1999, p. 23).

A autora aqui discorre sobre um aspecto comum atribuído às bruxas, evidenciando que sua imagem se liga ao que está fora da realidade, afastando-se de características humanas e aproximando-se do monstruoso. Traços como "cabeluda" e "gorda" foram socialmente construídos como marcas negativas, isto é, não representam o feminino de modo positivo. Essa desumanização não surge de forma aleatória, mas faz parte de um processo social de caracterização de mulheres que fogem às normas sociais. Com isso, o símbolo da bruxa não surgiu apenas como uma personagem criada para causar medo, mas como produto de discursos que legitimaram violências e perseguições.

Porém, não eram apenas as mulheres fora do padrão que eram associadas à imagem das bruxas. Na Idade Média, as mulheres estavam submetidas a concepções específicas de gênero. Segundo Duby e Perrot (1993-1995, p. 65): “A mulher é inteiramente um ser natural, já que é um instrumento da continuidade da raça humana, o elemento essencial da natureza, essa força ativa que estabeleceu e que mantém a ordem do universo”. Ou seja, era vista como instrumento da reprodução humana. No entanto, aquelas que não desejavam gerar filhos, por diferentes motivos, também podiam receber a fama de bruxas, pois buscavam independência e não se limitavam aos papéis de cuidado. Dessa forma, mulheres que não seguiam esse padrão, como aquelas que detinham saberes naturais ou viviam de forma independente, eram, na maioria dos casos, associadas às bruxas.

Todavia, antes de serem demonizadas, muitas mulheres possuíam reconhecimento e importância social, pois, com seus conhecimentos místicos, auxiliavam as pessoas no tratamento de doenças e em outros saberes considerados necessários. Porém, isso se tornou uma ameaça, gerando forte reação por parte das lideranças religiosas e das estruturas de poder da época. Assim, o próximo capítulo tem como intuito apresentar, de maneira clara e sucinta, o surgimento da caça às bruxas e seus efeitos durante a Idade Média.

2.1 O surgimento da caça às bruxas

Durante muito tempo, antes de a medicina ganhar força, muitas pessoas acreditavam no poder da natureza. Nem todos tinham condições de acesso a tratamentos formais, e grandes mulheres possuíam saberes místicos capazes de curar e ajudar o próximo. Práticas como banhos de ervas e o ofício de parteira eram atribuídos a mulheres das classes populares, cujos conhecimentos eram riquíssimos.

É importante ressaltar que a bruxaria possui raízes pagãs e cristãs na Europa. Com a proliferação do cristianismo, mulheres admiradas por suas habilidades no uso de plantas medicinais e em rituais de fertilidade passaram a ter suas representações relacionadas à heresia e à maldade. Conforme exposto a seguir.

Essa repulsão e outras semelhantes engendraram ao longo das eras e de um extremo ao outro do planeta múltiplas interdições. A mulher que tinha suas regras era tida como perigosa e impura. Corria o risco de ser portadora de toda espécie de males. Então, era preciso afastá-la. Essa impureza nociva era estendida à própria parturiente, de modo que ela precisava ser, após o nascimento, reconciliada com a sociedade por meio de um rito purificador. (Delumeau, 2024, p. 464).

O autor discorre sobre como, ao longo do tempo, o corpo feminino passou a ser associado ao medo, à impureza e ao controle social, especialmente em processos naturais como a menstruação e o parto. Delumeau demonstra que essas concepções passaram a assumir significados morais e religiosos, deixando de ser vistas apenas como processos biológicos e ganhando sentidos ligados à construção de uma imagem feminina negativa.

A feiticeira é uma personagem misteriosa que tem suscitado grande debate a seu respeito. Ela assumiu funções variadas ao longo do tempo e expressa angústias e crenças de diferentes épocas e culturas. Sua presença no mundo simbólico esteve relacionada a um dos maiores ataques históricos às mulheres, tema que, até os dias de hoje, continua sendo amplamente debatido. Assim como afirma Federici:

A caça às bruxas aparece raramente na história do proletariado. Até hoje, continua sendo um dos fenômenos menos estudados na história da Europa ou, talvez, da história mundial, se considerarmos que a acusação de adoração ao demônio foi levada ao Novo Mundo pelos missionários e conquistadores como uma ferramenta para a subjugação das populações locais. (Federici, 2023, p. 290).

Silvia Federici (2023) destaca que esse fenômeno foi um dos menos estudados da história e possui estreita relação com o domínio social. Assim, a caça às bruxas

não foi uma arma usada somente por religiosos com a finalidade de apagar práticas pagãs, mas também uma forma de controle utilizada contra grupos considerados desviantes. Dessa forma, a caça às bruxas configura-se como um dos processos mais eficientes de exclusão, disciplinamento dos corpos e reprodução da estratificação social.

A prática da bruxaria na época medieval e durante a perseguição às bruxas era vista como grande ameaça à ordem religiosa e social. Essas acusações recaíam principalmente sobre mulheres que ousavam desafiar as normas sociais ou que, por já estarem marginalizadas, eram acusadas com frequência de realizar rituais, praticar magia negra ou cultuar o próprio Diabo. Foi uma das fases mais obscuras da história, marcada pela perseguição, pelo julgamento e até pela execução de muitas mulheres acusadas de bruxaria. Como pode-se observar a seguir:

A História registrou os terríveis episódios de perseguição, principalmente das mulheres, praticantes de religiosidades pagãs. Os casos eram julgados em tribunais eclesiásticos e antes das sentenças de enforcamento ou de queima das condenadas em fogueiras, as acusadas eram sujeitas a várias sessões de tortura. Foi a lamentável parte da História chamada popularmente de Caça às Bruxas. (Herasake; Bastazin, 2021, p. 693).

Entretanto, muitas mulheres julgadas eram denunciadas com base em superstições, atritos entre pessoas ou até mesmo por um simples mal-entendido. Esse movimento foi alimentado por muitos fatores, especialmente pelo medo que a sociedade tinha das forças sobrenaturais e pelas tensões sociais e econômicas existentes em um contexto no qual o catolicismo exercia grande influência, como explicado em:

(...) O desencadeamento de uma campanha de terror contra as mulheres, não igualada por nenhuma outra perseguição, debilitou a capacidade de resistência do campesinato europeu frente ao ataque lançado pela aristocracia latifundiária e pelo Estado, em uma época na qual a comunidade camponesa já começava a se desintegrar sob o impacto combinado da privatização da terra, do aumento dos impostos e da extensão do controle estatal sobre todos os aspectos da vida social. (Federici, 2023, p. 294).

No que se refere às bruxas, pensa-se em um número crescente de mulheres, todavia, homens também foram acusados de heresia, eles possuíam poderes tanto quanto as mulheres, porém os números de homens acusados eram menos do que o de mulheres, conforme mencionado a seguir.

Durante todo o período de caça às bruxas, o número de mulheres acusadas foi, aproximadamente, o dobro do de homens. Houve variações no tempo e na geografia: no sudoeste da Alemanha, por exemplo, depois de 1620 aumentou o número de homens acusados, e a partir de 1627 crianças foram denunciadas com alguma frequência (Russell; Alexander, 2008, p. 150).

Leis e documentos foram criados para punir qualquer tipo de heresia ou atentado à ordem social. Os supostos poderes sobrenaturais tiveram de ser contidos a fim de evitar, segundo a lógica da época, uma suposta catástrofe social e religiosa. O rei católico Carlos V determinou, em 1532, um código legal imperial que estabelecia a punição com execução para qualquer vestígio de bruxaria, pois se acreditava que a figura feminina mantinha associação com o Diabo.

Segundo Delumeau (2024, p. 489), a demonização da mulher foi intensificada por uma visão clerical que associava a sexualidade feminina ao desregramento moral e ao perigo religioso, reforçando a aproximação simbólica entre o feminino e o mal.

A ilustração do documento *Malleus Maleficarum*, de Heinrich Institoris, "O Martelo das Feiticeiras", publicado originalmente em 1486, foi um marco central para o movimento de caça às bruxas. Esse documento era impresso e espalhado em pontos estratégicos, contribuindo para consolidar um dos maiores ataques às forças femininas, como afirmado a seguir:

Em 1486, Institoris publicou o *Malleus Maleficarum*, "O Martelo das Feiticeiras", com a aprovação papal e tendo a bula de 1484 como prefácio. Em 1520, o manual já contava com 14 reedições. Bem organizado, inflamado e desfrutando a anuência papal, o *Malleus* tornou-se um dos mais influentes livros dentre os primeiros que foram impressos (Russell; Alexander, 2008, p. 108).

A circulação do manual de inquisição demonstrou que esse folheto ultrapassou sua função primária, contribuindo para a materialização de um imaginário sobre a imagem da bruxa. Ao construir características físicas e morais atribuídas às mulheres incriminadas por feitiçaria, o *Malleus Maleficarum* ajudou a criar um modelo reconhecível dessa personagem. Nesse sentido, compreende-se que os folhetos inquisitoriais foram dos primeiros a qualificar as formas da bruxa no Ocidente. Consequentemente, muitos desses elementos foram ganhando novas configurações e sendo incorporados à literatura infantil e aos contos de fadas, que trouxeram a figura da bruxa do campo maligno para o entretenimento das narrativas infantis, atribuindo-lhe função moral e pedagógica.



Com o número crescente de acusações, as mulheres que recebiam seus dons de seus antepassados foram mortas e queimadas em fogueiras como forma de punição. O Estado e a religião destruíram ensinamentos que, por muito tempo, constituíram uma rica herança familiar e um importante conjunto de saberes místicos, como afirmado em:

Nas fogueiras não estavam apenas os corpos de “bruxas”, destruídos; também estava todo um universo de relações sociais que fora a base do poder social das mulheres e um vasto conhecimento que elas haviam transmitido, de mãe para filha, ao longo de gerações – conhecimento sobre ervas, sobre meios de contracepção ou aborto e sobre quais magias usar para obter o amor dos homens. (Federici, 2019, p. 62).

A caça às bruxas iniciou-se entre os séculos XV e XVIII e foi comum em diferentes regiões da Europa. Dezenas de pessoas foram julgadas e, ao todo, estima-se que 35 mil a 50 mil tenham sido acusadas de bruxaria. Esses são pontos centrais que marcam o início dessa fase, que durou séculos. O movimento se relacionou ao avanço do capitalismo e à atuação de líderes religiosos. O medo instaurado pelas práticas de cura e pelos saberes espirituais tornou-se ameaça às lideranças religiosas, que tentaram combater de forma direta a proliferação de outras crenças, enquanto o capitalismo contribuiu para apagar o trabalho das mulheres como detentoras de saberes mágicos, muitas vezes exercidos como meio de subsistência, como asseverado em:

Praticar magia (na condição de curandeiras, médicas tradicionais, herboristas, parteiras, criadoras de poções de amor) também foi, para muitas mulheres, uma fonte de emprego e, indubitavelmente, uma fonte de poder,

embora as expusesse à vingança quando os remédios falhavam. (Federici, 2019, p. 57).

A citação esclarece que as mulheres que exerciam tradicionalmente esses conhecimentos representavam um espaço de autonomia e influência social. Como o poder feminino era historicamente limitado, tais práticas concediam às mulheres reconhecimento em seus lugares de vivência, o que motivava a desconfiança das autoridades. Nesse contexto, à medida que essas mulheres passavam a ser vistas como figuras que fugiam ao controle social, eram associadas à feitiçaria e à heresia.

Como as bruxas se tornaram ameaças para os líderes, as autoridades recorreram a diversos meios para barrar o crescente número de hereges, demonstrando pleno exercício de poder sobre a vida das pessoas. Entretanto, a caça às bruxas, antes de atingir seu auge, constituiu-se por fases até alcançar a Inquisição, período em que os religiosos assumiam o poder de julgadores e proferiam sentenças punitivas. Esse foi um dos momentos iniciais para a intensificação da caça às bruxas, como afirmado em:

Os inquisidores estavam instruídos sobre o que procurar, e por meio de interrogatórios, ameaças e tortura eram geralmente capazes de descobrir bruxaria onde quer que existisse, e onde quer que não. Cada condenação cristalizava a imagem da bruxa mais concretamente na consciência popular e estabelecia mais um precedente para as gerações de futuros inquisidores. O palco estava agora totalmente montado para a inauguração da grande caça às bruxas (Russell; Alexander, 2008, p. 96).

Diante disso, para Russell e Alexander (2008), o movimento tornou-se um dos maiores episódios de violência, marcado pelo ódio, pela intolerância religiosa e pelo abuso de poder. Assim como ocorreu em outras perseguições históricas, essas comparações evidenciam violências praticadas sob acusações sem provas, consideradas hereges pelas autoridades.

As acusações feitas contra as bruxas passavam por uma espécie de sondagem antes de se decidir pela inocência ou culpa das acusadas. Segundo Russell e Alexander (2008), uma das formas de teste consistia em colocar a suposta bruxa em uma balança: de um lado ficava a Bíblia e, do outro, a acusada; caso seu peso fosse maior que o do livro sagrado, ela seria considerada culpada por fazer parte das forças malignas. Além dessas provas, as bruxas passavam pelas punções, procedimento em que agulhas eram introduzidas em seus corpos a fim de localizar a marca do Diabo, pois se acreditava que esses seres não sangravam em determinadas partes do corpo,

evidenciando o pacto demoníaco. Essas acusações eram formuladas para obter confissões e comprometer outras pessoas apontadas como cúmplices.

Como em todo movimento histórico, a caça às bruxas atingiu seu auge entre os anos de 1500 e 1660. As perseguições ocorreram com maior força em contextos sociais marcados pela marginalização, pela fome e pela peste, gerando muitos conflitos nessas esferas. Como a maior parte da população era religiosa, entendeu-se que esse fenômeno era castigo divino ou resultado da ação de forças malignas. Dessa forma, a bruxa passou a ser associada ao mal, e sua figura foi ligada ao demônio, e não mais ao sagrado.

Assim, a caça às bruxas tornou-se um trágico ataque contra pessoas que faziam uso de saberes naturais e mantinham ligação com a natureza. Foi uma forte onda que atingiu a Europa e devastou outros países, refletindo o poder dos líderes sobre a população e a tentativa de demonstrar domínio. Ocorreu em épocas em que os homens ainda detinham grande voz social, enquanto as mulheres, silenciadas, foram queimadas, mortas e tiveram seus poderes roubados pelo machismo dominante.

Dessa forma, esse ato de horror não deve ser entendido apenas como superstição ou desconhecimento popular. Trata-se de um acontecimento histórico marcado pela confluência de fatores religiosos, políticos, culturais e econômicos que atuaram na perseguição, sobretudo das mulheres. Esse contexto produziu efeitos que se estendem até os dias de hoje, pois a construção negativa da bruxa permanece fortemente ligada ao imaginário social e coletivo.

Portanto, a caça às bruxas não deve ser compreendida apenas como uma fase de perseguição religiosa, mas também como um grande processo capaz de produzir uma imagem permanente sobre o feminino. As manifestações inquisitoriais e os registros de julgamento ajudaram a consolidar um repertório de características físicas e morais atribuídas às então supostas bruxas.

Dessa forma, essas diversas representações não permaneceram isoladas aos campos religioso e jurídico, mas, ao longo do tempo, tornaram-se uma fonte imagética construída por meio de narrativas orais, lendas e contos populares, sendo continuamente reproduzidas e adaptadas em diversos contextos culturais. Diante disso, é necessário compreender como a bruxa passou a ser representada culturalmente, uma vez que o mal ainda é um signo fortemente atribuído a ela. Por

fim, o próximo tópico buscará investigar como a figura da bruxa é representada no imaginário coletivo e de que modo suas representações ainda estão ligadas à cultura.

2.2 A bruxa e suas representações na cultura tradicional popular

A figura da bruxa ocupa um espaço significativo dentro da cultura tradicional, e seu papel foi moldado desde as perseguições históricas até os dias atuais. O imaginário popular contribuiu para consolidar essa imagem como misteriosa e maléfica. Dessa forma, a cultura popular carrega peso importante na manutenção dessa representação negativa.

Com isso, muitas histórias foram sendo repassadas de geração em geração, propagando o medo e narrativas sobre acontecimentos inexplicáveis atribuídos a forças demoníacas. Tais relatos recaíram sobre muitas mulheres conhecedoras de saberes sobrenaturais e mágicos.

Essa transmissão oral desempenhou papel importante na consolidação dessas representações, pois, antes mesmo de haver registros escritos sobre bruxas, muitos relatos eram feitos oralmente. Nessa fase, as narrativas eram adaptadas conforme o contexto cultural e social de quem as transmitia, o que reforçou o papel dessa personagem. Dessa forma, a cultura popular, ainda que reproduza tais imagens, também ajuda a transformá-las, mantendo viva a figura da bruxa no imaginário coletivo.

Se buscarmos essa representação mais a fundo, veremos a bruxa como uma mulher velha, solteira e marginalizada, muitas vezes descrita de forma repulsiva. Isso não foi uma construção por acaso. Essa configuração funciona como estratégia de estigmatização de mulheres que fugiam ao que se espera do feminino tradicional, em especial aquelas que não se encaixavam nos papéis de esposa ou mãe. Reforça-se, assim, a imagem da bruxa como símbolo de desordem e perigo, criando-se uma ferramenta eficaz de controle sobre as mulheres.

Belas mulheres plenamente redentoras não podem existir como mulheres reais, apenas como mães mortas; a única maternidade possível é a da madrasta má. E, assim, reaparecem sob a forma de bruxas más, velhas, feias e narigudas (trata-se aqui de violência etarista e étnico-racista) condenadas à companhia apenas das plantas e dos animais. (Myara, 2024, p. 26).

A autora demonstra que a figura da bruxa teve sua construção não apenas como personagem imaginária, mas também como ferramenta de controle sobre o

corpo feminino. Assim, ao afirmar que as belas mulheres só deveriam existir como imagens idealizadas e inalcançáveis, evidencia-se que as mulheres reais passaram a ser representadas como bruxas ou madrastas, revelando o que a sociedade aceitava ou rejeitava diante da imagem feminina.

Ademais, a caça às bruxas foi também uma maneira de controle sobre as práticas de saberes femininos, sobretudo dos saberes medicinais aqueles usados quando a medicina falhava. Para Perrot (1990), o imaginário medieval foi marcado por um profundo medo em relação às forças femininas, e que este temor se associava ao limite dos conhecimentos científicos presentes na época, dando origem a essa representação negativa do feminino.

Tratados religiosos desempenharam papel importante na difusão da figura da bruxa. Entre esses tratados, destaca-se o *Malleus Maleficarum* (1486), escrito por Heinrich Kramer e Jacob Sprenger, considerado um dos mais importantes manuais destinados à identificação de bruxas. Além de orientar práticas religiosas e jurídicas, esse documento ajudou a estabelecer um modelo de quem seria uma bruxa, funcionando como uma espécie de primeira "literatura" a catalogar os traços físicos e morais dessa personagem. Posteriormente, os contos de fadas herdaram esse modelo e o transportaram do direito penal religioso para o entretenimento pedagógico.

Dessa forma, a literatura não cria do zero a figura da bruxa má, mas reorganiza, a partir de tratados e discursos historicamente construídos, um modelo já existente, adaptando elementos que anteriormente eram utilizados para controlar mulheres. Os contos infantis contribuíram para manter essas representações femininas marcadas pela oposição entre o ideal de uma mulher boazinha e a figura da mulher desobediente, comumente representada pela bruxa.

Se buscarmos compreender o que se entende por bruxa, encontraremos sempre respostas semelhantes: seus aspectos são recorrentes, e suas características foram construídas sobre padrões sociais específicos. Sua forma costuma ser representada como extremamente assustadora, como argumentado em:

O aspecto físico de bruxa, explicitado pelo narrador, intensifica, com a metalinguagem, a consciência de imagem construída e caricatural: Tinha um par de olhos perfeitos para uma bruxa, isto é, grandes, esbugalhados, com riscas de sangue e cada um virado para um lado. Motivo de orgulho, o nariz enorme, em forma de bico de papagaio, com a ponta quase entrando na boca de um único dente amarelado e carcomido, compõe o reflexo devolvido pelo espelho, que se completa com o cabelo despenteado, cor de cinza, roupas gastas e esfarrapadas (Jacoby, 2009, p. 89).

Uma descrição como essa, apresentada por Jacoby (2009), evidencia que a imagem da bruxa não surge de forma natural, mas como uma construção cultural baseada na associação entre deformidade física e falha moral. Essas características reforçam um modelo criado historicamente, em que a mulher fora dos padrões sociais é posicionada como ameaça. Essa representação ultrapassa o campo da fantasia e revela crenças reproduzidas ao longo do tempo.

Isso reafirma a noção que se construiu em torno dessa personagem no imaginário social. A bruxa, tal como costuma ser pensada, talvez nem exista com essas características, mas fomos ensinados a imaginá-la dessa maneira. São noções e crenças transmitidas há muito tempo, e tudo isso marca o peso da cultura na criação dessa imagem, quase sempre inclinada ao lado negativo do feminino, como ressaltado no excerto que segue:

E em meio a essa demonização surge a aparência de uma mulher velha, feia, vestida de andrajos, quase sempre acompanhada de um animal preto, um gato ou um corvo. A partir do isolamento na floresta, essa mulher passa a ser promovida como uma figura aterrorizante e vários elementos são utilizados para compor essa imagem: a vassoura, para facilitar sua locomoção às aldeias; o caldeirão, para realizar seus feitiços; e a gargalhada horrenda, para acirrar o tom apavorante. (Castro, 2021, p. 109).

Como Castro descreve, a bruxa e sua construção estética ligam-se diretamente aos processos históricos de controle do corpo feminino. Essa associação, refletida pelo autor, evidencia a relação entre velhice, aparência inadequada e produção de uma imagem fundada na rejeição social. Nesse contexto, essa representação passa a ser símbolo de transgressão, usado para reafirmar padrões de comportamento e determinar quais formas de existência feminina seriam integradas ou banidas socialmente.

A construção estética dessa personagem está inteiramente ligada às formas de controle do corpo feminino. Quando essa mulher é associada à velhice e a padrões fora do que socialmente se valoriza, essa deformidade é construída de maneira intencional. Seu funcionamento ocorre como símbolo de punição às mulheres que estavam fora dos padrões e não obedeciam às normas sociais. Ademais, o corpo da bruxa deixa de ser um corpo comum: passa a representar desvio e a ser utilizado como mecanismo de produção de obediência e rejeição.

Durante um período da Idade Média e da Era Moderna, a população consolidou forte percepção a respeito das bruxas, influenciada por superstições e convicções religiosas. Assim, esses seres místicos eram vistos como ameaças diretas às ordens

sociais e religiosas vigentes, sendo associados a pactos com demônios e a intenções maléficas. Reúne-se aí uma chave interpretativa que ainda persiste: as bruxas foram representadas como instrumentos capazes de causar medo e repulsa, de modo que qualquer pessoa que desafiasse a ordem conheceria de perto essa maldade.

A modernidade trouxe uma nova ressignificação do que se pensa sobre as bruxas. Elas passaram a ser reimaginadas como símbolos de força, resistência e empoderamento feminino. Essa nova construção rompeu expectativas e firmou novos olhares sobre a personagem. Assim, muitas feiticeiras foram ressignificadas ao longo do tempo, e padrões repetitivos de mulheres velhas, gordas e maléficas ganharam novas formas na cultura popular.

Os contos infantis são aqueles que mais utilizam essa imagem, os mesmos são responsáveis por trazer ao universo infantil a representação desta imagem estereotipada. Muitas narrativas vinculam a bruxa ainda como uma personagem invejosa, má e cruel, ora feiticeira ora madrasta má, como argumentado:

A figura da mulher atrelada ao mal que está presente em alguns contos fantásticos pode estar inserida ao arquétipo da grande mãe. Essa figura não está idealizada, não é vista como passiva e submissa ao homem, totalmente ingênua. As personagens dão vida e podem controla-la, seduzem e envenenam, cuidam, mas também destroem conforme suas vontades e desejos, isto é, elas estão entre os polos positivo/ negativo e bondoso/nefasto. (Silveira, 2015, p. 49).

Isso significa que a representação feminina nos contos infantis não se restringe somente à ideia de malvadez, mas se constrói em torno de uma imagem ambígua, com capacidade tanto de gerar quanto de destruir. Portanto, a bruxa ocupa um espaço emblemático, marcado pelo sentimento de medo e pela alternância de papéis que as mulheres assumem nessas narrativas.

Nesse contexto, os contos clássicos infantis desempenham papel importante na consolidação dessas representações, sendo responsáveis por criar, desde a infância, imagens estereotipadas das bruxas. O conto de João e Maria constitui um exemplo materializado dessa representação feminina, construída com elementos do imaginário europeu, em que a bruxa aparece como mulher velha, gorda e distante de todos.

Além disso, esse conto infantil enfatiza estratégias utilizadas pela bruxa para praticar a maldade. A personagem sabe que as crianças adoram doces e dificilmente recusariam essa oferta; por isso, cria uma casa de doces no centro da floresta a fim

de atraí-las para perto de si e fazer delas seu alimento, reforçando características de canibalismo e perigo. Assim, essas representações se articulam nas narrativas de maneira ambígua, ora como grande mãe, ora como madrasta, compondo uma imagem distorcida da figura feminina que reúne elementos culturais, folclóricos e lendários frequentemente atribuídos às bruxas.

No folclore brasileiro, embora não haja um ser nomeado exatamente como bruxa, tal como ocorre na tradição europeia, é válido identificar outros personagens que podem desempenhar funções equivalentes, como benzedadeiras, parteiras e curandeiras. Por isso, é válido ressaltar que, em países, épocas e tradições diferentes, essas figuras refletem valores culturais e sociais específicos.

Antes mesmo da solidificação da literatura escrita, lendas e histórias iam sendo repassadas de pais para filhos, mulheres com saberes de curandeiras, parteiras e dotadas de forças sobrenaturais realizavam feitos grandiosos, isso contribuía para alimentar no imaginário coletivo a figura da mulher misteriosa e sobrenatural.

Além disso, existe outro aspecto importante na criação dessa imagem: a forma como ela se apresenta simbolicamente em narrativas culturais. Em alguns contos, a bruxa aparece como antagonista e assume o papel de ameaçar ou causar desordem dentro das histórias. Com isso, sua função é reforçar ainda mais padrões que se mantêm ao longo dos anos, tais como viver na floresta, ser velha e enrugada e possuir poderes sobrenaturais, destacando elementos que reforçam a ideia da bruxa como ser marginalizado e situado fora dos padrões.

Diante disso, é importante compreender que a figura da bruxa não nasceu de maneira isolada, mas resulta de representações marcadas por processos históricos e culturais relacionados ao poder e ao gênero. Com isso, o estudo dessas representações, sob essas duas perspectivas, permite refletir sobre mulheres salvadoras, mulheres antagonistas e mulheres sobrenaturais, que ao longo da história tiveram uma trajetória de perseguição. Dessa forma, o próximo capítulo tem como objetivo abordar os arquétipos femininos e a construção dessa imagem na literatura infantil, buscando analisar como essas representações influenciam a percepção social sobre o feminino.

3 ARQUÉTIPOS FEMININOS E A IMAGEM DA BRUXA NOS CONTOS INFANTIS

Ao longo do tempo, a mulher foi representada por meio de símbolos, modelos sociais e valores que moldaram os comportamentos aceitos em cada período histórico. Esses modelos ganharam forma, enquanto os limites impostos pelos poderes políticos e religiosos passaram a ocupar o imaginário coletivo por meio da literatura, das histórias orais e, posteriormente, dos contos infantis. Dentre essas formas simbólicas presentes nessa memória, poucas foram tão persistentes quanto a imagem da bruxa, que atravessou o universo fantástico e se tornou um arquétipo feminino carregado de significações sociais e culturais transmitidas por gerações.

Os contos infantis são responsáveis pela reprodução desses imaginários e desempenham importante papel na transmissão de valores e normas sociais. Apesar de serem textos utilizados para o entretenimento e para a educação das crianças, os contos também portam uma visão de mundo e modelos de comportamento responsáveis por firmar certos padrões impostos pela sociedade. Dessa maneira, eles consolidaram a figura da bruxa como personagem desviante, criando oposição entre comportamentos de personagens femininas presentes na literatura infantil.

Em cada texto narrativo, é possível identificar imagens e símbolos que atuam sobre desejos reprimidos, medos e até sobre o amadurecimento emocional. Por exemplo, o herói que parte para uma grande jornada, a floresta escura que precisa ser atravessada e a figura da bruxa atuando como sombra e medo são símbolos presentes no imaginário humano. Para Jung (2015), as representações arquetípicas podem ser entendidas como elementos que ultrapassam a literatura e o folclore, agindo diretamente na formação das experiências humanas e no mundo interno de cada pessoa.

Dessa forma, essas representações são entendidas como padrões simbólicos que constroem formas recorrentes de interpretar os indivíduos e o mundo. Portanto, os modelos femininos são organizados em posições ambíguas, ora como a mulher boa e jovem, ora como a mulher velha, feia, submissa ou independente.

Jung (2015) confirma a existência de uma camada do inconsciente que excede as vivências individuais e se relaciona a dimensões sociais e históricas. Para o autor, a mente humana é constituída por elementos universais compartilhados coletivamente. Dessa forma, enquanto o inconsciente individual guarda vivências,

memórias e experiências particulares, o inconsciente coletivo reúne conteúdos herdados e articulados ao contexto histórico de cada época, consoante afirmado em:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este, porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos de inconsciente coletivo. (Jung, 2012, p. 12).

Essa concepção contribui para o entendimento de certas figuras que permanecem vivas em narrativas de diversas épocas, como ocorre com a personagem da bruxa nos textos infantis. Sua permanência não deve ser explicada apenas pelos costumes tradicionais, mas também pelos valores morais que atravessam a literatura e o imaginário social.

Os contos infantis são formas de apresentar à criança figuras clássicas capazes de amedrontar ou encantar. Alguns reforçam a pureza do herói e de personagens geralmente apresentadas como gentis, belas e moralmente corretas, enquanto a antagonista é associada ao mal, ao envelhecimento, ao poder e ao desejo de controle. Essa permanência decorre da confusão entre conhecimentos sábios femininos e aspectos de bruxaria, o que contribuiu para a construção da imagem que se tem sobre as bruxas.

A construção desse imaginário também está relacionada às funções educativas atribuídas à literatura infantil. Gerent, Garcia e Cunha (2022) observam que as narrativas tradicionais utilizavam personagens imaginárias para assustar e disciplinar as crianças, atribuindo-lhes funções moralizantes que favoreciam a associação entre determinadas figuras e a representação do perigo. Vale (2022) acrescenta que as obras destinadas ao público infantil são permeadas por valores e ideologias produzidos pelos adultos, contribuindo para a construção de personagens associados a concepções sociais e morais específicas. Assim, a figura da bruxa foi utilizada como instrumento de transmissão de normas e comportamentos considerados desejáveis.

Portanto, percebe-se que a personagem da bruxa nos contos infantis ultrapassa o papel de antagonista e passa a representar um acervo de valores, medos e possibilidades historicamente atribuídos ao feminino. Essa permanência na literatura para crianças mostra a importância dos modelos de criação dos arquétipos para a construção da representatividade dos papéis sociais. Nesse sentido, torna-se importante aprofundar a reflexão sobre as representações femininas e suas significações.

3.1 Arquétipos femininos: entre definições e significados

A compreensão dos arquétipos femininos está diretamente associada às estruturas simbólicas que permeiam o inconsciente coletivo e que, ao longo da história, influenciaram a maneira como determinadas figuras femininas passaram a ser representadas e interpretadas pela sociedade. Para Jung (2000), os arquétipos constituem estruturas universais presentes no inconsciente coletivo e manifestam-se por meio de símbolos, mitos e narrativas, influenciando a forma como determinadas figuras femininas são construídas e compreendidas socialmente.

Em consonância com essa perspectiva, Câmara e Oliveira (2021) afirmam que os arquétipos não correspondem a ideias conscientes, mas a formas universais herdadas do inconsciente coletivo, preenchidas pelas experiências individuais e manifestadas através de símbolos e representações culturais. De maneira semelhante, De Marco (2020) considera que essas estruturas são responsáveis pela produção dos mitos, das religiões e dos sistemas simbólicos, sofrendo influências dos diferentes contextos culturais. Dessa forma, percebe-se que os modelos associados ao feminino não surgem de forma isolada, mas resultam de construções históricas que se perpetuam por meio das representações culturais.

Corroborando essa interpretação, Michelet (1992) destaca que a bruxa representava a mulher marginalizada pela sociedade medieval, sendo frequentemente associada a conhecimentos considerados ameaçadores para as estruturas de poder vigentes. Dessa maneira, mulheres que se afastavam dos modelos sociais esperados eram transformadas em símbolos do desvio e da ameaça, favorecendo a construção de uma imagem negativa do feminino. Assim, percebe-se que a demonização do feminino esteve ligada à necessidade de subordinação das mulheres aos padrões sociais estabelecidos.

A associação entre a mulher e o mal foi reforçada por estruturas sociais que passaram a interpretar a independência feminina como ameaça à ordem vigente. Segundo Silva (2021), a figura da bruxa foi historicamente identificada como representação do perigo, da sedução e da transgressão dos padrões sociais. Em consonância com essa perspectiva, Ferreira (2025) afirma que a representação tradicional das bruxas como mulheres velhas, solitárias e perigosas é resultado de uma construção histórica marcada pela perseguição e pelo controle dos corpos femininos.

De forma semelhante, Russell (2003) observa que a associação entre bruxaria, pecado e heresia foi consolidada ao longo da Idade Média, contribuindo para transformar a bruxa em inimiga da ordem religiosa e social. A permanência dessa interpretação favoreceu a difusão de representações negativas que passaram a integrar o imaginário coletivo e a justificar diferentes formas de exclusão e perseguição. Tal interpretação demonstra que a imagem da bruxa ultrapassa o campo da fantasia e revela conflitos relacionados às relações de poder existentes nas sociedades patriarcais.

Ao longo dos séculos, a tradição oral desempenhou importante papel na consolidação dessa imagem negativa. De acordo com Jacoby (2009), a figura da bruxa foi associada à feiura, à magia e às práticas maléficas, características que contribuíram para a construção de uma personagem ameaçadora presente em inúmeros contos populares. Esse processo de deformação simbólica é reforçado por Ribeiro (2008, p. 44), ao afirmar que "Fragmentaram e negaram os valores positivos das místicas feiticeiras e as dizimaram definitivamente, transformando-as nas bruxas velhas, feias, corcundas, de nariz aquilino salpicado por grandes verrugas".

Além disso, Kramer e Sprenger (2015) defendiam que a mulher apresentava maior propensão às tentações demoníacas, justificando a associação entre o feminino e a prática da bruxaria. Essa concepção contribuiu para fortalecer discursos religiosos que legitimaram perseguições e reforçaram a representação da mulher como fonte de perigo e corrupção moral. Tal transformação demonstra que atributos anteriormente relacionados ao conhecimento e à espiritualidade foram progressivamente substituídos por representações associadas ao grotesco e ao mal.

A presença dessas figuras no imaginário popular foi favorecida pela circulação das narrativas orais. Conforme Azevedo (1999, p. 3):

Nesse mundo, onde a crença em fadas, gigantes, anões, bruxas, castelos encantados, elixires, tesouros, fontes da juventude, quebrantos e países utópicos e mágicos era disseminada, crianças e adultos sentavam-se lado a lado nas praças públicas, durante as festas, ou à noite, após o trabalho, para escutar os contadores de histórias.

Nesse contexto, Delumeau (1989) destaca que o medo desempenhou importante papel na cultura ocidental, sendo frequentemente utilizado como instrumento de controle moral e social. Assim, a associação entre a mulher e o mal contribuiu para alimentar sentimentos coletivos de temor e desconfiança, favorecendo a permanência da imagem da bruxa como representação do perigo e da desordem.

Os contos de fadas desempenharam papel relevante nesse processo ao estabelecerem oposições simbólicas entre personagens femininas consideradas boas e más. Segundo Soares (2019), os contos tradicionais associaram as fadas à maternidade protetora e as bruxas à figura da mãe malvada, reforçando determinados papéis de gênero. Em sentido semelhante, Coelho (2012) observa que as narrativas maravilhosas consolidaram uma dualidade feminina baseada em oposições como pureza e impureza, bondade e maldade, fada e bruxa. Tais contrastes contribuíram para fortalecer a percepção de que determinadas características femininas deveriam ser valorizadas, enquanto outras deveriam ser rejeitadas.

Sob essa perspectiva, Delumeau (1989) ressalta que o medo constituiu um importante mecanismo de controle nas sociedades ocidentais, favorecendo a associação entre determinados grupos e a ideia de ameaça. Nesse contexto, a figura da bruxa passou a representar os receios coletivos relacionados ao feminino e à transgressão, reforçando valores morais e religiosos presentes em diferentes períodos históricos. Corroborando essa interpretação, Warner (1999) observa que os contos tradicionais contribuíram para perpetuar imagens femininas antagônicas, estabelecendo distinções entre mulheres associadas à pureza e aquelas vinculadas ao perigo e à marginalidade. Dessa maneira, a oposição entre fadas e bruxas tornou-se uma representação simbólica das expectativas sociais atribuídas às mulheres.

Além disso, a própria estrutura dos contos maravilhosos favoreceu a consolidação da bruxa como antagonista. Segundo Propp (1984), as personagens antagônicas possuem a função de criar obstáculos ao herói, sendo frequentemente associadas à ameaça e ao conflito.

Essa característica narrativa contribuiu para transformar a bruxa em uma representação recorrente do perigo. Complementando essa ideia, Bronzatto e Camargo (2012, p. 3) afirmam que a bruxa "condensa a própria destruição e morte. Ao mesmo tempo em que mascara, escancara o que há de mais horrendo e podre da natureza humana". De maneira semelhante, Campbell (2007) afirma que os mitos e narrativas tradicionais preservam símbolos relacionados aos conflitos fundamentais da existência humana. Assim, a figura da bruxa ultrapassa a condição de simples antagonista e passa a representar tensões, medos e aspectos obscuros presentes na experiência humana, o que explica sua permanência em diferentes culturas.

A dimensão psicológica dessas figuras é destacada por Bettelheim (2002), ao afirmar que os personagens maléficos dos contos de fadas representam conflitos

internos e medos inconscientes, desempenhando importante papel no desenvolvimento emocional das crianças. Essa interpretação é reforçada por Von Franz (1990), ao afirmar que os personagens dos contos maravilhosos representam conteúdos profundos do inconsciente coletivo e permitem a exteriorização simbólica de conflitos psíquicos. Dessa maneira, a figura da bruxa não deve ser compreendida apenas como expressão do mal, mas também como manifestação de aspectos reprimidos da própria psique humana.

Segundo Estés (2018), as imagens femininas presentes nas narrativas tradicionais expressam conteúdos ancestrais relacionados à mulher, sendo constantemente reinterpretadas ao longo da história. Assim, a figura da bruxa reúne elementos associados à força, ao mistério e ao desconhecido, despertando simultaneamente fascínio e temor. Em complemento, Neumann (1999) destaca que os arquétipos femininos possuem natureza ambivalente, reunindo aspectos criadores e destrutivos. Tal característica ajuda a compreender por que a imagem da bruxa foi frequentemente associada a elementos negativos, sem perder, entretanto, sua profunda dimensão simbólica ligada ao feminino.

Em consonância com essa perspectiva, Coelho (2000) destaca que a literatura infantil não constitui um universo neutro, mas reflete valores e concepções produzidos pela sociedade. Dessa forma, as narrativas maravilhosas contribuíram para a transmissão de modelos culturais e para a consolidação de determinadas representações acerca do feminino, reforçando expectativas relacionadas aos papéis desempenhados pelas mulheres. Corroborando essa interpretação, Bettelheim (2002) afirma que os contos de fadas exercem importante função na formação da personalidade infantil, permitindo que a criança atribua significados aos conflitos vivenciados. Nesse contexto, personagens como a bruxa desempenham papel relevante na construção das noções de certo e errado, bem e mal, presentes no imaginário infantil.

Nesse contexto, Duarte e Vieira (2021) destacam que a imagem negativa da bruxa resulta da reprodução histórica da dominação masculina, associando determinadas características femininas à perversidade e ao desvio. Os autores ressaltam ainda que a representação da bruxa nos contos tradicionais constitui reflexo de padrões patriarcais responsáveis por associar a mulher ao mal e à transgressão. De forma semelhante, Federici (2019) observa que a perseguição às mulheres acusadas de bruxaria esteve relacionada ao fortalecimento das estruturas patriarcais

e ao controle dos corpos femininos. Assim, a construção da bruxa como símbolo da perversidade não decorreu apenas das narrativas populares, mas também de processos históricos responsáveis por marginalizar mulheres consideradas transgressoras.

Em sentido convergente, Warner (1999) destaca que a figura da bruxa foi utilizada como representação das mulheres que se afastavam dos modelos sociais considerados aceitáveis. Dessa forma, características associadas à autonomia e à independência feminina passaram a ser interpretadas como sinais de ameaça, favorecendo a consolidação de um imaginário baseado na oposição entre obediência e transgressão. Assim, a consolidação do estereótipo da bruxa está diretamente ligada aos processos sociais que transformaram o feminino em objeto de controle e punição.

Entretanto, embora a tradição tenha consolidado uma representação essencialmente negativa, novas leituras vêm promovendo mudanças significativas na construção dessa personagem. Conforme Chiovatto (2022), a consolidação do estereótipo da bruxa decorreu de processos históricos e culturais que transformaram mulheres detentoras de conhecimento em símbolos de ameaça social. Contudo, Silva e Oliveira (2021) observam que as produções contemporâneas têm promovido uma desconstrução desses padrões, apresentando figuras de bruxas mais complexas e humanizadas.

Essa transformação também é evidenciada por Becker e Maculan (2025), ao destacarem que as narrativas contemporâneas têm contribuído para reconstruir a imagem da bruxa, afastando-a da representação exclusivamente maléfica e aproximando-a de personagens mais ambíguas e humanizadas. De maneira semelhante, Ferreira (2025) ressalta que as produções atuais vêm ressignificando a personagem, evidenciando a coexistência entre o medo e o fascínio despertados pela figura da bruxa. Esse movimento demonstra que as transformações sociais e culturais também influenciam a maneira como o feminino é representado nas narrativas destinadas às novas gerações.

Exemplos de narrativas infantis ajudam a visualizar como esses arquétipos femininos se materializam em personagens específicas. Em *Branca de Neve*, a madrasta-bruxa condensa o arquétipo da mulher ameaçadora movida pela vaidade e pela inveja, convertendo a beleza juvenil em motivo de rivalidade e punição. Em *João e Maria*, a bruxa da floresta assume traços do arquétipo da mãe devoradora, pois atrai

as crianças por meio do doce e do acolhimento aparente para, em seguida, revelar sua dimensão destrutiva. Já a *Bruxa Onilda*, em diferentes textos infantis, conserva sinais tradicionais da bruxaria, mas os reconfigura por meio do humor, da fantasia e de situações menos aterrorizantes, evidenciando que os arquétipos não permanecem estáticos e podem ser reelaborados conforme os valores culturais de cada narrativa. Também personagens como a fada má de *A Bela Adormecida* mostram como o imaginário infantil recorre repetidamente a figuras femininas de poder para representar conflito, punição e ambivalência.

3.2 A bruxa: um arquétipo feminino negativo

A construção da figura da bruxa como símbolo do mal não ocorreu de maneira espontânea, mas resultou de processos históricos, culturais e religiosos que contribuíram para a associação entre determinadas características femininas e a ideia de transgressão. Conforme Warner (1999), a imagem da bruxa foi construída historicamente como representação da mulher transgressora, sendo associada à maldade, ao perigo e à marginalidade. De maneira semelhante, Chiovatto (2022) afirma que a figura da bruxa foi historicamente vinculada à alteridade e à desordem, consolidando um estereótipo marcado pela exclusão social.

Corroborando essa perspectiva, Maroneze, Bandeira e Nielsson (2024) destacam que a associação entre mulher e bruxaria foi construída a partir de uma visão religiosa e patriarcal, transformando a figura feminina em representação do mal e legitimando processos de perseguição e violência. Assim, a imagem negativa da bruxa está relacionada a mecanismos históricos que contribuíram para controlar e marginalizar determinadas formas de expressão do feminino.

Essa associação entre mulher e perigo também pode ser compreendida a partir das construções simbólicas desenvolvidas ao longo da história. Moraes (2024) ressalta que determinadas representações femininas foram associadas a estereótipos limitantes produzidos por estruturas patriarcais, contribuindo para a repressão da natureza instintiva da mulher. Em sentido semelhante, De Marco (2020) observa que determinadas construções do imaginário feminino associaram a mulher ao pecado, à inferioridade e à necessidade de submissão, como ocorre no mito de Lilith, cuja rebeldia culmina em punição e marginalização. Câmara e Oliveira (2021) acrescentam que características relacionadas à autonomia e à sensualidade feminina foram

reprimidas pela cultura patriarcal e transformadas em representações depreciativas. Dessa forma, percebe-se que a demonização do feminino esteve ligada à necessidade de subordinação das mulheres aos padrões sociais estabelecidos.

A associação entre a mulher e o mal foi reforçada por estruturas sociais que passaram a interpretar a independência feminina como ameaça à ordem vigente. Segundo Silva (2021), a figura da bruxa foi historicamente identificada como representação do perigo, da sedução e da transgressão dos padrões sociais. Em consonância com essa perspectiva, Ferreira (2025) afirma que a representação tradicional das bruxas como mulheres velhas, solitárias e perigosas é resultado de uma construção histórica marcada pela perseguição e pelo controle dos corpos femininos. Tal interpretação demonstra que a imagem da bruxa ultrapassa o campo da fantasia e revela conflitos relacionados às relações de poder existentes nas sociedades patriarcais.

Ao longo dos séculos, a tradição oral desempenhou importante papel na consolidação dessa imagem negativa. De acordo com Jacoby (2009), a figura da bruxa foi associada à feiura, à magia e às práticas maléficas, características que contribuíram para a construção de uma personagem ameaçadora presente em inúmeros contos populares.

Esse processo de deformação simbólica é reforçado por Ribeiro (2008, p. 44), ao afirmar que "Fragmentaram e negaram os valores positivos das místicas feiticeiras e as dizimaram definitivamente, transformando-as nas bruxas velhas, feias, corcundas, de nariz aquilino salpicado por grandes verrugas". Tal transformação demonstra que atributos anteriormente relacionados ao conhecimento e à espiritualidade foram progressivamente substituídos por representações associadas ao grotesco e ao mal.

Os contos de fadas desempenharam papel relevante nesse processo ao estabelecerem oposições simbólicas entre personagens femininas consideradas boas e más. Segundo Soares (2019), os contos tradicionais associaram as fadas à maternidade protetora e as bruxas à figura da mãe malvada, reforçando determinados papéis de gênero. Em sentido semelhante, Coelho (2012) observa que as narrativas maravilhosas consolidaram uma dualidade feminina baseada em oposições como pureza e impureza, bondade e maldade, fada e bruxa. Tais contrastes contribuíram para fortalecer a percepção de que determinadas características femininas deveriam ser valorizadas, enquanto outras deveriam ser rejeitadas.

Além disso, a própria estrutura dos contos maravilhosos favoreceu a consolidação da bruxa como antagonista. Segundo Propp (1984), as personagens antagônicas possuem a função de criar obstáculos ao herói, sendo frequentemente associadas à ameaça e ao conflito. Essa característica narrativa contribuiu para transformar a bruxa em uma representação recorrente do perigo. Complementando essa ideia, Bronzatto e Camargo (2012, p. 3) afirmam que a bruxa "condensa a própria destruição e morte. Ao mesmo tempo em que mascara, escancara o que há de mais horrendo e podre da natureza humana". Dessa forma, a personagem passa a simbolizar não apenas um inimigo externo, mas também aspectos obscuros relacionados à própria condição humana.

A dimensão psicológica dessas figuras é destacada por Bettelheim (2002), ao afirmar que os personagens maléficos dos contos de fadas representam conflitos internos e medos inconscientes, desempenhando importante papel no desenvolvimento emocional das crianças. Nesse sentido, a bruxa deixa de ser compreendida exclusivamente como uma personagem maligna e passa a representar simbolicamente angústias, desejos reprimidos e tensões inerentes ao processo de desenvolvimento humano.

A construção desse imaginário também está relacionada às funções educativas atribuídas à literatura infantil. Gerent, Garcia e Cunha (2022) observam que as narrativas tradicionais utilizavam personagens imaginárias para assustar e disciplinar as crianças, atribuindo-lhes funções moralizantes que favoreciam a associação entre determinadas figuras e a representação do perigo. Vale (2022) acrescenta que as obras destinadas ao público infantil são permeadas por valores e ideologias produzidos pelos adultos, contribuindo para a construção de personagens associados a concepções sociais e morais específicas. Assim, a figura da bruxa foi utilizada como instrumento de transmissão de normas e comportamentos considerados desejáveis.

Nesse contexto, Duarte e Vieira (2021) destacam que a imagem negativa da bruxa resulta da reprodução histórica da dominação masculina, associando determinadas características femininas à perversidade e ao desvio. Os autores ressaltam ainda que a representação da bruxa nos contos tradicionais constitui reflexo de padrões patriarcais responsáveis por associar a mulher ao mal e à transgressão. Assim, a consolidação do estereótipo da bruxa está diretamente ligada aos processos sociais que transformaram o feminino em objeto de controle e punição.

Entretanto, embora a tradição tenha consolidado uma representação essencialmente negativa, novas leituras vêm promovendo mudanças significativas na construção dessa personagem. Conforme Chiovatto (2022), a consolidação do estereótipo da bruxa decorreu de processos históricos e culturais que transformaram mulheres detentoras de conhecimento em símbolos de ameaça social. Contudo, Silva e Oliveira (2021) observam que as produções contemporâneas têm promovido uma desconstrução desses padrões, apresentando figuras de bruxas mais complexas e humanizadas.

Tal mudança revela que a imagem da bruxa, antes associada quase exclusivamente à maldade, à marginalidade e à perversidade, vem sendo progressivamente ressignificada nas narrativas contemporâneas. Conforme Becker e Maculan (2025) e Ferreira (2025), as releituras atuais têm conferido maior complexidade à personagem, afastando-a da representação exclusivamente maléfica e aproximando-a de figuras mais ambíguas e humanizadas. Embora o estereótipo negativo permaneça fortemente enraizado no imaginário coletivo, essas novas representações permitem compreender a bruxa não apenas como antagonista, mas também como figura atravessada por conflitos, ambivalências e experiências históricas relacionadas ao feminino.

Essa permanência e, ao mesmo tempo, essa transformação demonstram que o arquétipo feminino negativo não é fixo, mas historicamente construído e passível de revisão. À luz de Jung (2015) e Neumann (1999), os arquétipos femininos apresentam natureza complexa e ambivalente, reunindo elementos criadores e destrutivos. Assim, a figura da bruxa pode ser lida tanto como projeção de medos sociais quanto como representação de forças femininas que a cultura patriarcal procurou silenciar ou desqualificar.

Na literatura infantil, essa revisão assume especial relevância, pois as narrativas destinadas às crianças participam ativamente da formação do imaginário e da percepção sobre o feminino. Quando a bruxa passa a ser apresentada de forma menos estereotipada e mais humanizada, abrem-se possibilidades para questionar modelos tradicionais que associam a mulher autônoma à ameaça e ao desvio. Dessa forma, compreender a bruxa como arquétipo feminino negativo também implica reconhecer os movimentos contemporâneos que tensionam e transformam essa representação.

Quando observadas em conjunto, personagens como a madrasta de *Branca de Neve*, a bruxa de *João e Maria* e a Bruxa Onilda permitem compreender diferentes gradações do arquétipo feminino negativo. Em *Branca de Neve*, a negatividade está ligada à disputa pela beleza e ao medo da substituição, fazendo da personagem uma encarnação da inveja e do narcisismo destrutivo. Em *João e Maria*, a bruxa reforça a associação entre feminino e ameaça ao transformar cuidado, alimento e abrigo em armadilhas mortais, intensificando a imagem da mulher perigosa e monstruosa. Já a *Bruxa Onilda*, embora herde elementos visuais clássicos da bruxa — como a magia, a aparência singular e a extravagância —, desloca esse arquétipo para uma zona mais lúdica, irônica e menos demonizada. Em outras narrativas infantis, como *Rapunzel* e *A Bela Adormecida*, também se percebe a recorrência de mulheres poderosas representadas como obstáculo, o que confirma como a tradição literária frequentemente associou o feminino autônomo ao desvio, ao perigo e à punição simbólica.

3.3 A bruxa e o medo: interpretações na visão do leitor infantil

A presença do medo nas narrativas infantis constitui um elemento recorrente que desempenha importante papel no desenvolvimento emocional das crianças. Longe de representar apenas um sentimento negativo, o medo presente nos contos de fadas permite que os leitores entrem em contato com conflitos internos e experiências emocionais que fazem parte do processo de amadurecimento. Segundo Bettelheim (2002), os contos de fadas possibilitam que a criança elabore seus medos e conflitos emocionais por meio do enfrentamento simbólico das figuras ameaçadoras presentes nas narrativas.

Em complemento, Santos e Teixeira (2021) destacam que as histórias infantis despertam simultaneamente atração e medo, sendo esses sentimentos essenciais para que as crianças compreendam que os obstáculos podem ser superados. Dessa forma, os elementos fantásticos presentes nessas narrativas não possuem apenas função recreativa, mas também contribuem para a elaboração simbólica das experiências humanas.

Corroborando essa interpretação, Corso e Corso (2006) afirmam que as personagens assustadoras dos contos de fadas permitem às crianças projetarem conflitos internos e elaborarem sentimentos relacionados às perdas, à insegurança e

aos medos inerentes ao desenvolvimento. Assim, os elementos que despertam temor não representam apenas sofrimento, mas constituem instrumentos importantes para o amadurecimento emocional e psicológico.

A importância desse processo é reforçada por Silva e Oliveira (2021), ao afirmarem que o medo e os pesadelos constituem experiências comuns à infância e que as narrativas fantásticas permitem à criança reconhecer e elaborar essas emoções por meio da aproximação com os personagens e seus conflitos.

Nessa mesma perspectiva, Gerent, Garcia e Cunha (2022) observam que as obras infantis contemporâneas abordam o medo através da imaginação e da ficção, favorecendo a compreensão e a ressignificação dos sentimentos durante o desenvolvimento emocional. Em consonância com essa perspectiva, Vigotski (2009) destaca que a imaginação desempenha importante papel na elaboração das experiências emocionais, permitindo que a criança reorganize simbolicamente situações vivenciadas e atribua novos significados aos seus sentimentos. Dessa maneira, as narrativas fantásticas oferecem um espaço seguro para que emoções difíceis sejam compreendidas e elaboradas.

Assim, as histórias infantis tornam-se espaços seguros para que a criança possa entrar em contato com emoções difíceis sem experimentar diretamente as situações que lhes deram origem. Além de favorecer o desenvolvimento emocional, os contos maravilhosos apresentam uma dimensão simbólica relacionada às experiências humanas fundamentais. Conforme Azevedo (1999, p. 8), os contos tradicionais apresentam "histórias com caráter iniciático, nas quais o herói parte, enfrenta desafios e retorna modificado", evidenciando a função simbólica dessas narrativas para o desenvolvimento humano.

Essa característica demonstra que os conflitos e obstáculos enfrentados pelas personagens representam, em grande medida, experiências relacionadas ao próprio processo de crescimento. Corroborando essa interpretação, Coelho (2012) ressalta que os contos maravilhosos destinados às crianças passaram por adaptações que suavizaram elementos violentos, sem eliminar os aspectos simbólicos relacionados ao medo e às experiências humanas fundamentais.

De maneira semelhante, Campbell (2007) afirma que os mitos e as narrativas tradicionais expressam experiências universais da humanidade, permitindo que conflitos fundamentais sejam transmitidos simbolicamente entre diferentes gerações.

Assim, os desafios enfrentados pelas personagens representam processos relacionados ao amadurecimento e à própria experiência humana.

Ao longo do tempo, a figura da bruxa tornou-se uma das principais representações do medo no universo infantil. Segundo Jacoby (2009), a literatura infantil favoreceu a popularização dessa personagem ao incorporá-la aos contos maravilhosos, fazendo com que a bruxa passasse a integrar o imaginário da infância e fosse associada aos sentimentos de ameaça e perigo. Bressan, Borghezan e Moraes (2020) acrescentam que essa relação entre a bruxa e o medo está diretamente vinculada aos contos tradicionais, nos quais a personagem desempenha a função de representar perigos e conflitos.

Em sentido semelhante, Becker e Maculan (2025) destacam que as narrativas fantásticas contribuíram para cristalizar a imagem da bruxa como personagem maléfica, levando os leitores, especialmente os mais jovens, a associarem automaticamente essa figura ao mal e ao perigo.

Sob essa perspectiva, Piaget (1978) afirma que a atividade simbólica possui papel fundamental no desenvolvimento infantil, permitindo que a criança represente e compreenda situações que ainda não experimentou diretamente. Dessa forma, personagens como a bruxa adquirem importância no imaginário infantil por materializarem medos e conflitos abstratos que fazem parte do processo de crescimento. Assim, a repetição dessas representações ao longo dos séculos favoreceu a consolidação de um imaginário marcado pela associação entre a bruxa e os sentimentos de medo.

Essa construção simbólica encontra-se relacionada a processos históricos mais amplos. Segundo Silva (2021), o medo produzido em torno da figura da bruxa está ligado ao receio do poder feminino e contribuiu para fortalecer a associação entre a mulher e os aspectos considerados maléficos. Da mesma forma, Maroneze, Bandeira e Nielsson (2024) observam que a associação da bruxa ao mal e ao pecado contribuiu para a formação de um imaginário social baseado no medo e na intolerância, perpetuando estigmas que influenciaram a percepção da figura feminina ao longo das gerações.

Consolidando essa interpretação, Federici (2019) afirma que a perseguição às mulheres acusadas de bruxaria constituiu um mecanismo de controle social e de repressão da autonomia feminina. Dessa maneira, a associação entre a mulher e o mal não decorreu apenas de crenças religiosas, mas também de processos históricos

responsáveis por transformar determinadas formas de conhecimento e independência em elementos considerados ameaçadores para a ordem social.

Apesar da associação com o medo e com a ameaça, a figura da bruxa desempenha funções psicológicas importantes para o desenvolvimento infantil. Bronzatto e Camargo (2012) destacam que sua presença na literatura infantil possui relevante função simbólica, permitindo que a criança elabore emoções e compreenda aspectos relacionados ao desenvolvimento psíquico. Tal interpretação é reforçada pelos autores ao afirmarem que "a bruxa, tanto quanto o lobo mau, encena para a criança as angústias da castração e, ao mesmo tempo, ajuda-a a elaborar temas que são essenciais à sobrevivência humana, como a morte e a solidão" (Bronzatto; Camargo, 2012, p. 3).

Em consonância com essa perspectiva, Von Franz (1990) ressalta que os personagens presentes nos contos de fadas representam conteúdos profundos do inconsciente coletivo e permitem a exteriorização simbólica de conflitos psicológicos. Assim, as figuras assustadoras não devem ser compreendidas exclusivamente como elementos negativos, mas também como manifestações de conteúdo internos que necessitam ser elaborados pelo indivíduo.

A presença do medo nas histórias infantis sempre esteve associada às narrativas fantásticas e maravilhosas. Conforme Ribeiro (2008, p. 41), "apesar de comumente narrarem eventos estranhos, de enredarem cenas grotescas, monstruosas e maledicentes, que provocam medo, repugnância e terror, são (prioritariamente) histórias contadas para crianças em todos os lugares da terra".

Nesse sentido, Coelho (2000) ressalta que personagens como a bruxa desempenham papel significativo na constituição do imaginário infantil, despertando sentimentos capazes de contribuir para o amadurecimento emocional do leitor. Sob essa perspectiva, Delumeau (1989) destaca que o medo constitui um elemento presente na história das sociedades ocidentais, sendo frequentemente utilizado para transmitir valores e estabelecer limites morais. Dessa forma, as narrativas fantásticas passaram a desempenhar papel importante na construção das percepções relacionadas ao perigo e às ameaças presentes no imaginário coletivo.

De maneira semelhante, Corso e Corso (2006) observam que os contos de fadas permitem que as crianças enfrentem simbolicamente situações assustadoras, favorecendo a elaboração de conflitos e angústias inerentes ao processo de desenvolvimento. Assim, a presença do medo nas narrativas não representa um

obstáculo ao amadurecimento emocional, mas uma importante ferramenta para a compreensão das experiências humanas. A relação entre os leitores e as personagens também interfere na forma como o medo é percebido. Segundo Duarte e Vieira (2021), a identificação da criança com os heróis das narrativas favorece a rejeição das figuras associadas ao mal, fazendo com que a bruxa seja frequentemente percebida como merecedora de castigo e reforçando determinados significados atribuídos ao feminino. Esse mecanismo contribui para consolidar a oposição entre o bem e o mal, característica comum aos contos tradicionais.

Ao mesmo tempo, Vale (2022) destaca que a literatura infantil desempenha importante papel formativo ao apresentar às crianças personagens e narrativas capazes de influenciar suas percepções acerca do mundo, dos valores sociais e dos modelos de comportamento. Em consonância com essa perspectiva, Bettelheim (2002) afirma que a identificação da criança com os heróis dos contos de fadas favorece a compreensão simbólica dos conflitos e permite que sentimentos de medo e insegurança sejam elaborados de maneira saudável. Dessa forma, as personagens antagonistas assumem papel relevante no processo de amadurecimento emocional e moral. Assim, as representações presentes nas histórias exercem influência significativa sobre a construção do imaginário infantil.

Entretanto, as transformações ocorridas na literatura contemporânea vêm promovendo novas interpretações acerca da figura da bruxa. Segundo Chiovatto (2022), as produções literárias e audiovisuais destinadas ao público infantil e juvenil continuam desempenhando papel importante na manutenção e na ressignificação do imaginário sobre essa personagem, influenciando a maneira como ela é percebida pelas novas gerações. Em consonância com essa perspectiva, Ferreira (2025) observa que a bruxa desperta simultaneamente medo e fascínio nas crianças, evidenciando as mudanças ocorridas nas narrativas contemporâneas. Dessa forma, personagens que anteriormente eram representadas apenas como símbolos da maldade passaram a ser retratadas sob perspectivas mais complexas e humanizadas.

Validando essa interpretação, Becker e Maculan (2025) destacam que as releituras contemporâneas dos contos de fadas têm contribuído para desconstruir imagens cristalizadas da bruxa, apresentando personagens mais ambíguas e afastadas dos modelos tradicionalmente associados à perversidade. Assim, as novas narrativas permitem que as crianças desenvolvam percepções menos estereotipadas acerca dessa personagem.

De maneira semelhante, Silva e Oliveira (2021) observam que as produções contemporâneas voltadas ao público infantil vêm ressignificando figuras tradicionalmente associadas ao medo, promovendo uma aproximação mais humanizada entre as crianças e os personagens fantásticos. Esse movimento contribui para que sentimentos como medo e curiosidade coexistam, favorecendo interpretações mais complexas sobre os conflitos presentes nas narrativas.

Segundo Estés (2018), os arquétipos femininos expressam conteúdos ancestrais que permanecem vivos no imaginário coletivo e são continuamente reinterpretados ao longo do tempo. Dessa maneira, o fascínio despertado pela figura da bruxa decorre da permanência de símbolos relacionados ao mistério, à transformação e à força feminina, os quais assumem novos significados conforme as mudanças culturais.

Em complemento, Campbell (2007) afirma que os símbolos presentes nos mitos e nas narrativas tradicionais permanecem vivos porque representam experiências universais da humanidade. Assim, mesmo quando as formas de representação se modificam, determinados conteúdos simbólicos continuam presentes, permitindo que personagens como a bruxa mantenham sua relevância no imaginário infantil contemporâneo.

Em consonância com essa perspectiva, Corso e Corso (2006) afirmam que os contos de fadas possibilitam à criança elaborar simbolicamente seus conflitos internos, permitindo que sentimentos de medo e angústia sejam vivenciados em um ambiente seguro. Dessa forma, as personagens assustadoras deixam de representar apenas ameaças e passam a desempenhar importante função no desenvolvimento emocional. Em consonância com essa interpretação, Vigotski (2009) ressalta que a imaginação infantil constitui um mecanismo essencial para a elaboração das experiências emocionais, possibilitando que a criança reorganize simbolicamente os sentimentos vivenciados. Assim, os elementos fantásticos presentes nas narrativas contribuem para a construção de significados relacionados ao medo e às experiências humanas fundamentais.

Nesse sentido, Bettelheim (2002) destaca que os contos de fadas oferecem à criança instrumentos simbólicos capazes de auxiliar na compreensão de conflitos internos e na elaboração das angústias próprias do desenvolvimento. Por essa razão, personagens como a bruxa permanecem presentes no imaginário infantil, não apenas

por despertarem medo, mas também por favorecerem processos de autoconhecimento e amadurecimento emocional.

No campo da recepção infantil, esses exemplos também revelam modos distintos de produção do medo. Em *Branca de Neve*, a tensão se constrói pela dissimulação da madrasta, que transforma afeto aparente em ameaça e ensina a criança a desconfiar das aparências. Em *João e Maria*, o medo decorre da fome, do abandono e do aprisionamento, sendo a bruxa a materialização extrema do risco que cerca a infância. Já nas histórias da *Bruxa Onilda*, o medo tende a ser atenuado pelo humor, pela curiosidade e pelo caráter aventureiro da personagem, permitindo que a criança se relacione com a figura da bruxa não apenas como símbolo de terror, mas também como fonte de estranhamento lúdico. De modo semelhante, releituras contemporâneas de bruxas em narrativas infantis mostram que o leitor pode experimentar simultaneamente receio, fascínio e diversão, o que amplia a compreensão dessa personagem no imaginário infantil.

Assim, a coexistência entre medo e fascínio evidencia a força simbólica dessa personagem e demonstra que os significados atribuídos à bruxa continuam sendo transformados pelas novas formas de produção cultural. Conforme Chiovatto (2022), a manutenção e a resignificação desse imaginário revelam a capacidade das narrativas de preservarem símbolos tradicionais ao mesmo tempo em que incorporam novas interpretações, permitindo que a figura da bruxa permaneça relevante para diferentes gerações de leitores.

3.4 A imagem negativa das bruxas entre o conto clássico e a releitura contemporânea

A análise da construção da imagem negativa das bruxas torna-se mais consistente quando se confrontam, diretamente, os textos literários com o referencial teórico mobilizado ao longo desta pesquisa. Nos contos clássicos infantis, a personagem bruxa aparece de forma reiterada como signo do perigo, da transgressão e da ameaça ao corpo e à ordem moral. Já em textos contemporâneos, como os da série da *Bruxa Onilda*, observa-se um deslocamento importante dessa representação, sem que, contudo, se apaguem totalmente os traços históricos do imaginário tradicional. Assim, a comparação entre *Branca de Neve*, *João e Maria* e *A infância da*

Bruxa Onilda permite perceber como a literatura infantil tanto consolida quanto reelabora o estereótipo da bruxa.

Em *Branca de Neve*, a negatividade da personagem é construída, antes de tudo, pela associação entre feminino, rivalidade e destruição. O conto explicita que o conflito surge quando a beleza da menina ameaça a centralidade da rainha, isto é, quando a juventude e a pureza se tornam intoleráveis para a figura feminina adulta investida de poder. O espelho, ao afirmar que Branca de Neve é a mais bela, desencadeia o processo de perseguição e transforma a madrasta em encarnação da inveja. Nessa perspectiva, a narrativa literária confirma o que Warner (1999) observa sobre os contos tradicionais: a oposição entre figuras femininas positivas e negativas funciona como mecanismo simbólico de organização moral do feminino. A rainha não é apenas má; ela é construída como a mulher que, ao desejar poder, centralidade e superioridade, precisa ser convertida em monstrosidade narrativa. Essa construção aparece de forma explícita no seguinte trecho:

A rainha estremeceu e ficou verde de inveja. E daí, então, cada vez que via Branca de Neve seu coração tinha verdadeiros sobressaltos de raiva. Sua inveja e seus ciúmes desenvolviam-se qual erva daninha, não lhe dando mais sossego, nem de dia nem de noite. Enfim, já não podendo mais, mandou chamar um caçador e disse-lhe: 'Leva essa menina para a floresta, não quero mais tornar a vê-la. (Grimm; Grimm, 2018, s.p.).

A passagem é significativa porque converte o sentimento da inveja em marca corporal e moral da personagem, intensificando a ideia de que a mulher poderosa, quando não se ajusta aos valores de doçura, maternidade e abnegação, torna-se ameaça a ser condenada.

Ao confrontar esse excerto com o referencial teórico, percebe-se que a rainha-bruxa de *Branca de Neve* participa de uma longa tradição de demonização do feminino. Ribeiro (2008, p. 44) afirma que "fragmentaram e negaram os valores positivos das místicas feiticeiras e as dizimaram definitivamente, transformando-as nas bruxas velhas, feias, corcundas, de nariz aquilino salpicado por grandes verrugas". Ainda que a madrasta de *Branca de Neve* não seja inicialmente descrita como velha ou grotesca, sua trajetória narrativa caminha para a monstrosidade à medida que seu poder é associado ao mal, à dissimulação e ao desejo de morte. Assim, a personagem confirma o argumento de que a bruxa literária não nasce pronta: ela resulta de uma construção simbólica que transforma autonomia, vaidade e poder feminino em sinais de perversidade.

Em *João e Maria*, a imagem negativa da bruxa é construída por outro caminho, mas igualmente marcada pela associação entre feminino e ameaça. Nesse conto, a personagem se apresenta inicialmente sob a aparência enganosa da acolhida, do alimento e da proteção, mas logo se revela como figura devoradora. O texto afirma: “A velha fingia ser muito boa, mas na verdade era uma bruxa muito má, que atraía as crianças, por isso construiu a casinha de pão de ló. E, quando caía alguma criança em suas mãos, ela matava-a, cozinhava-a e comia-a, e esse era um dia de festa” (Grimm; Grimm, 2018, s.p.). A crueldade da imagem decorre, precisamente, do contraste entre doçura aparente e violência extrema, recurso que intensifica o medo infantil e fixa a bruxa como inimiga absoluta da infância.

A casinha feita de doces e a falsa hospitalidade da velha tornam ainda mais expressiva essa lógica de sedução e destruição. Se, em *Branca de Neve*, o mal se manifesta pela rivalidade feminina e pelo desejo de eliminar a beleza juvenil, em *João e Maria* ele se organiza em torno do corpo infantil ameaçado de consumo. Bettelheim (2002) mostra que os contos de fadas trabalham simbolicamente os medos e conflitos da criança por meio de personagens extremadas; nesse sentido, a bruxa do conto materializa o terror do abandono, da fome e da devoração. De forma convergente, Bronzatto e Camargo (2012, p. 3) afirmam que a bruxa “condensa a própria destruição e morte”. O texto literário confirma essa leitura ao fazer da personagem não apenas um obstáculo narrativo, mas uma figura que corporifica o risco radical da aniquilação.

Além da dimensão moral, *João e Maria* reforça a negatividade da bruxa por meio de sua caracterização física e sensorial. O conto registra que “as bruxas, geralmente, não enxergam bem e têm os olhos vermelhos, mas são dotadas de um olfato muito agudo, como os animais, o que lhes permite sentir o cheiro de uma criança de longe” (Grimm; Grimm, 2018, s.p.). A passagem associa a bruxa a traços de animalização e deformidade, aproximando-a do monstruoso e afastando-a do humano. Essa descrição dialoga diretamente com Jacoby (2009), quando a autora demonstra que o imaginário infantil consolidou a figura da bruxa a partir da feiura, da estranheza corporal e das práticas maléficas. Assim, o conto não apenas narra o mal; ele o inscreve no corpo da personagem, transformando sua aparência em linguagem simbólica da ameaça.

Se os contos clássicos cristalizam a bruxa como antagonista temível, os textos contemporâneos da *Bruxa Onilda* apontam para uma reconfiguração dessa imagem. Em *A infância da Bruxa Onilda*, o leitor encontra uma personagem que fala em

primeira pessoa e se apresenta em situação cotidiana: "Ai, que nervoso! Era meu primeiro dia na escola. Arrumei a minha mochila nova e dentro dela guardei" (Larreula; Capdevila, 2002, p. 6). Na sequência, a narradora acrescenta: "um lápis, o apontador, o livro de magia e, é claro, minha querida coruja Olhona!" (Larreula; Capdevila, 2002, p. 7). Em vez da figura devoradora, solitária e demonizada, emerge uma bruxa-criança que experimenta ansiedade escolar, prepara materiais de estudo e convive afetivamente com seu animal de estimação. A magia permanece, mas já não sustenta uma imagem exclusivamente aterrorizante.

Outro trecho reforça essa humanização: "Fiquei feliz, porque minha mãe me acompanhou" (Larreula; Capdevila, 2002, p. 8). A presença da mãe, o espaço da escola e o tom confessional deslocam a bruxa do lugar tradicional da alteridade ameaçadora para o da experiência infantil compartilhável. Esse movimento confirma o que Silva e Oliveira (2021) e Becker e Maculan (2025) observam acerca das narrativas contemporâneas: figuras antes associadas apenas ao medo passam a ser reelaboradas de maneira mais ambígua e humanizada. Em *Onilda*, não desaparecem os signos da bruxaria; entretanto, eles são reinscritos em um universo de humor, afeto e reconhecimento, no qual a personagem pode despertar curiosidade e identificação, e não somente rejeição.

O confronto entre esses textos evidencia, portanto, dois movimentos complementares. Nos contos clássicos, a bruxa é estruturada como figura que ameaça a infância, a ordem doméstica e a moralidade social, seja pela inveja em *Branca de Neve*, seja pela devoração em *João e Maria*. Já no texto contemporâneo de *Onilda*, a personagem permanece vinculada ao universo mágico, mas sua construção deixa de depender da monstrosidade absoluta. Tal diferença confirma a observação de Chiovatto (2022) de que o estereótipo da bruxa é produto de processos históricos e culturais, e não essência fixa da personagem. Se a tradição a transformou em símbolo do medo, a contemporaneidade revela que esse símbolo pode ser deslocado, tensionado e ressignificado.

Ainda assim, a permanência de elementos clássicos em *Onilda* mostra que a ressignificação não significa ruptura total. A presença do livro de magia, da coruja e da autodefinição como bruxa preserva marcas reconhecíveis do imaginário tradicional, permitindo ao leitor identificar a personagem dentro de uma herança cultural já consolidada. O que muda é o valor atribuído a esses signos. Aquilo que, nos contos clássicos, sustentava o medo e a punição, nos textos contemporâneos pode ser

convertido em humor, aventura e singularidade. Essa mudança reforça a ideia de que a literatura infantil participa ativamente da formação do imaginário: ela não apenas reproduz estereótipos, mas também pode questioná-los, suavizá-los ou transformá-los.

Dessa forma, a leitura comparativa confirma que a imagem negativa da bruxa foi historicamente consolidada pela literatura infantil clássica por meio de estratégias narrativas que associam o feminino à inveja, à feiura, à devoração e à ameaça. Entretanto, textos contemporâneos como os da Bruxa Onilda demonstram que essa representação vem sendo reelaborada, abrindo espaço para construções mais complexas e menos estigmatizadas. O confronto entre o texto literário e o referencial teórico, portanto, evidencia que a bruxa continua sendo uma figura central do imaginário infantil, mas seus sentidos já não se limitam à negatividade absoluta: eles oscilam entre a tradição do medo e as novas possibilidades de ressignificação do feminino.

Para sistematizar essa comparação, apresenta-se logo abaixo, o Quadro, que reúne os principais elementos que foram analisados nas três narrativas.

	Branca de Neve	João e Maria	Bruxa Onilda
Marca central	Inveja / vaidade	Devoração / fome	Humor / cotidiano
Imagem do corpo	Rainha bela que se corrompe	Feiura, olfato animal	Criança comum
Função	Punição da beleza rival	Terror do abandono	Identificação e afeto

Fonte: elaborado pela autora (2026)

Assim, como é apresentado no Quadro, observa-se que, em Branca de Neve e João e Maria formam uma estrutura a partir de marcas físicas e morais que se associam ao mal, ligadas respectivamente a vaidade destrutiva e a fome devoradora, surge a bruxa Onilda que desconstrói essa imagem, enquanto sua construção se registra com humor e identificação pessoal. Ainda assim, essa imagem não apresenta ruptura total com esse imaginário tradicional, mais que houve uma reelaboração sob essa imagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar a formação do estereótipo da bruxa nas narrativas infantis, analisando como essa figura foi historicamente consolidada como arquétipo feminino negativo. Ao longo da pesquisa, verificou-se que a imagem da bruxa não surgiu de forma espontânea nos contos infantis, mas resultou de um processo histórico, cultural e simbólico iniciado nos discursos religiosos e jurídicos da caça às bruxas entre os séculos XV e XVIII e, posteriormente, incorporado pela literatura e pela cultura popular.

Inicialmente, constatou-se que as perseguições às mulheres estiveram relacionadas, em grande medida, à repressão de saberes femininos tradicionais, como aqueles ligados à cura, ao parto e ao uso de ervas. Esses conhecimentos, antes reconhecidos em determinados contextos, passaram a ser vistos como ameaça, contribuindo para a construção de uma imagem física e moral depreciativa, vinculada à figura da mulher velha, feia, solitária e perigosa. Documentos como o *Malleus Maleficarum* tiveram papel decisivo na legitimação desse processo de controle e silenciamento.

Em seguida, observou-se que esse padrão foi reelaborado no interior da literatura infantil, onde a personagem da bruxa passou a desempenhar função relevante na organização simbólica das narrativas. Associada ao mal, à ameaça e à desobediência, ela se consolidou como antagonista recorrente nos contos de fadas, contribuindo para a elaboração do medo e de conflitos ligados ao desenvolvimento emocional infantil. Dessa forma, a literatura não apenas reproduziu valores históricos, mas também colaborou para sua permanência no imaginário coletivo.

Os resultados da pesquisa permitem afirmar, portanto, que a consolidação da bruxa como arquétipo feminino negativo está diretamente relacionada à articulação entre discursos patriarcais, religiosos e culturais. A personagem passou a representar, simbolicamente, mulheres que se afastavam dos modelos considerados aceitáveis, tornando-se expressão de um imaginário que associou autonomia feminina, conhecimento e transgressão à perversidade e ao perigo.

Ao responder à problemática proposta, o estudo evidenciou que o estereótipo da bruxa foi construído e perpetuado por narrativas que transformaram diferenças femininas em sinais de ameaça. Assim, mais do que uma personagem fantástica, a bruxa revela mecanismos históricos de exclusão e controle do feminino, mostrando

que sua representação negativa não decorre de uma essência, mas de processos sociais e ideológicos que atravessaram diferentes épocas.

Entretanto, a pesquisa também demonstrou que essa imagem não permaneceu imutável. As produções contemporâneas vêm promovendo novas leituras da bruxa, atribuindo-lhe características mais complexas e humanizadas, associadas à resistência, à autonomia e ao poder feminino. Esse movimento de ressignificação evidencia que o imaginário social está em constante transformação e que personagens tradicionalmente marginalizadas podem adquirir novos sentidos conforme mudam os valores culturais.

Nesse sentido, o trabalho contribui para ampliar a compreensão sobre as relações entre literatura infantil, gênero e construção simbólica do imaginário. Ao analisar a permanência e a transformação da figura da bruxa, esta pesquisa reforça a importância de refletir criticamente sobre os modelos femininos transmitidos às crianças e sobre o papel da literatura na manutenção ou desconstrução de estereótipos historicamente consolidados.

Por fim, considera-se que o tema permanece relevante para futuras investigações, sobretudo no que diz respeito à análise de obras infantis contemporâneas que apresentam novas configurações da personagem bruxa. Estudos posteriores poderão aprofundar de que maneira essas narrativas contribuem para desconstruir modelos tradicionais e para propor representações mais plurais, humanas e emancipatórias do feminino.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Brooks; RUSSELL, Jeffrey B. **História da Bruxaria**. São Paulo: Aleph, 2008.
- AMÉRICO, Anna Carolyn Franco; BELMIRO, Celia Abicalil. **A representação da personagem bruxa nos livros de literatura infantil contemporâneos**. In: XII Jogo do Livro e II Seminário Latino-Americano: Palavras em Deriva, 2018, Belo Horizonte. Anais [...] Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), 2018. ISBN 978-85-8007-126-9. Disponível em: CEALE/UFMG – artigo completo. Acesso em: 4 jul. 2026.
- AZEVEDO, R. **Literatura infantil: origens, visões da infância e certos traços populares**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, n. 27, maio/jun. 1999. Republicado em Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 14, n. 1-2, 2001.
- BECKER, M. R.; MACULAN, M. **A dualidade da magia: desconstrução e reconstrução do arquétipo feminino na literatura – uma análise comparativa entre a bruxa e o mago**. REVELL – Revista de Estudos Literários da UEMS, v. 1, n. 39, p. 7-19, 2025. DOI: <https://doi.org/10.61389/revell.v1i39.9076>.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BRESSAN, L. L.; BORGHEZAN, P. F.; MORAES, H. J. P. **A imagem da bruxa em contos infantis: a inveja como elemento mobilizador do imaginário do medo na literatura**. Revista Garrafa, Rio de Janeiro, v. 18, n. 51, p. 90-108, 2020.
- BRONZATTO, M.; CAMARGO, R. L. **Considerações sobre as transformações da bruxa na literatura infantil contemporânea e as implicações para o psiquismo infantil**. Revista FAC, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 66-79, 2012.
- CÂMARA, L. E.; OLIVEIRA, A. K. C. **Deusa coadjuvante, femme fatale, mãe sofredora: arquétipos, estereótipos e representação feminina na construção da personagem Viúva Negra no cinema**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Virtual. Anais. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021. p. 1-15.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- CASTRO, V.V.L. **Em cena: a Bruxa, a diva dos contos de fadas**. In: ROCHA, D. Matizes da Literatura Contemporânea. Ponta Grossa: Editora Atena, 2021.
- CHIOVATTO, A. C. L. **A consolidação do estereótipo da “bruxa”: da Idade Moderna à contemporaneidade**. 2022. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DE MARCO, I. P. **Os arquétipos do imaginário feminino nos trabalhos de Remedios Varo e Louise Bourgeois**. Revista Científica de Artes/FAP, Curitiba, v. 26, n. 1, p. 134-152, 2020.

DELUMEAU, J. **História do medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300–1800: uma cidade sitiada**. Tradução de Maria Lúcia Machado; tradução das notas de Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

DUARTE, E. A.; VIEIRA, N. R. F. **A mulher bruxa no mundo do era uma vez e a reprodução histórica da dominação sobre o gênero feminino**. Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, Bauru, v. 9, n. 2, p. 139-157, 2021.

DURAND, G. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

ESTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FEDERICI, S. **O Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERREIRA, M. A. P. **As emoções no encontro com o mito e o arquétipo feminino da deusa Deméter na busca da espiritualidade**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 5., 2018. Anais. Campina Grande: Realize Editora, 2018.

FERREIRA, S. S. **Do medo ao fascínio: a representação das bruxas na literatura infantil. 2025**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.

GERENT, I. G.; GARCIA, B. R. Z.; CUNHA, F. C. **A literatura infantil como espaço de ressignificação do medo pelo imaginário**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 16523-16541, mar. 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n3-067.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Branca de Neve e os sete anões. In: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Os 77 melhores contos de Grimm**. Tradução de Íside M. Bonini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. João e Maria. In: GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Os 77 melhores contos de Grimm**. Tradução de Íside M. Bonini. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

JACOBY, S. **A bruxa no imaginário infantil: A última bruxa de Josué Guimarães**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 4, p. 86-91, out./dez. 2009.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. **O martelo das feiticeiras** (Malleus Maleficarum). 12. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2015.

LARREULA, Enric; CAPDEVILA, Roser. **A infância da Bruxa Onilda**. Tradução de Irami B. Silva. São Paulo: Scipione, 2002.

MARONEZE, A. R.; BANDEIRA, M. E.; NIELSSON, J. G. **O arquétipo da bruxa e a naturalização da violência contra a mulher**. In: II Seminário da Rede de Pesquisa e Estudos Jurídicos Femininos (REDEFEM) e I Seminário de Direitos Humanos, Alteridade e Diversidade: Diálogos para a Inclusão. Anais. 2024.

MICHELET, J. **A feiticeira**. São Paulo: Aquariana, 1992.

MORAIS, E. S. **A representação do arquétipo feminino na literatura e sua influência na sociedade**: uma análise da obra Mulheres que correm com os lobos de Clarissa Pinkola Estés. 2024. 69 f. Monografia (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, Pedreiras, 2024.

MYARA, Julia. **Deusas, bruxas e feiticeiras: histórias de quando Deus era mulher**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.

NEUMANN, E. **A grande mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente**. São Paulo: Cultrix, 1999.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

RIBEIRO, M. G. **A bruxa no conto popular**. Revista Graphos, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 40-50, 2008.

RUSSELL, J. B. **História da bruxaria: feiticeiros, hereges e pagãos**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SANTOS, L. C.; TEIXEIRA, C. C. **Atração e medo da criança na literatura infantil.** Revista Multidebates, Palmas, v. 5, n. 1, p. 169-176, fev. 2021.

SILVA, A. S. **Bruxas e suas casas: a integração da sombra do feminino em Carola Saavedra e Alina Paim à luz da Psicologia Profunda.** 2021. 150 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

SILVA, L. S. F.; OLIVEIRA, V. T. B. **Desconstrução dos contos de fadas através da obra O menino que se alimentava de pesadelos.** In: CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE LETRAMENTO E DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM, 3., 2021. Anais. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

SOARES, L. M. S. **Mitos, arquétipos e novas representações de gênero em contos juvenis contemporâneos.** Literartes, São Paulo, n. 11, p. 194-217, 2019.

VALE, A. D. **Literatura infantil no Brasil: a questão nacional.** Revista Interdisciplinar da FARESE, v. 4, edição especial, Anais da III Jornada Científica do Grupo Educacional FAVENI, p. 371-377, 2022.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância.** São Paulo: Ática, 2009.

VON FRANZ, M. L. **A interpretação dos contos de fadas.** São Paulo: Paulus, 1990.

WARNER, M. **Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.